



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAL

DANIEL MADEIRA C. MAGALHÃES

“O Nanismo em nós”:

teaser e pré-produção de um documentário sobre uma perspectiva a respeito do
nanismo

Brasília, DF

2021

“O Nanismo em nós”:

teaser e pré-produção de um documentário sobre uma perspectiva a respeito do
nanismo

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Audiovisual, na Faculdade de Comunicação,
da Universidade de Brasília.

Orientador(a): Prof. Dr. Sergio Ribeiro

Brasília, DF

2021

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só possível graças às pessoas que contribuíram e ainda contribuem para a desconstrução da imagem negativa sobre as pessoas com nanismo, pessoas que lutam até hoje. Por isso, servem de inspiração para mim e para outras pessoas com nanismo, pois ao conhecê-las e entrevista-las pude entender o esforço que fazem todo dia para que pessoas com nanismo possam ser tratadas como iguais.

Também não tenho como deixar de agradecer aos meus colegas e amigos que toparam fazer parte desse projeto, eles me ajudaram a dar esse primeiro passo para o começo dessa jornada que vai ser esse documentário.

Agradeço também ao meu orientador Sergio Ribeiro, e à professora Rose May, que acreditaram e me encorajaram a fazer este projeto como TCC, pois sabem a importância deste projeto para mim. Também agradeço à instituição UnB por ser um símbolo de conhecimento e pesquisa.

E por fim, agradecer a pessoa que é a base da minha vida, minha mãe. Uma pessoa que sempre fez tudo para que os seus filhos conseguissem alcançar seus objetivos, e que sempre esteve e estará ao meu lado para o que der e vier. Uma mulher que é exemplo de dedicação e determinação.

RESUMO

O projeto é uma descrição de pré-produção de um documentário “O Nanismo em nós”. Tem como formulação a explicação teórica da questão do nanismo, a noção do que é documentário e sobre o processo de pré-produção. Em seguida tem a apresentação do Memorial com os argumentos e propostas, apresentação dos personagens e por fim o teaser do documentário. O documentário buscará tratar a questão do nanismo sobre a perspectiva de pessoas com nanismo que buscam estigmatizar a imagem pejorativa que tem sobre essa condição.

Palavras-chave: Nanismo. Capacitismo. Documentário. Limitação. Perspectiva.

ABSTRACT

The project is a pre-production description of a documentary “Dwarfism in us”. Its formulation is the theoretical explanation of the issue of dwarfism, the notion of what is documentary and about the pre-production process. Then there is the presentation of the Memorial with the arguments and proposals, the presentation of the characters and finally the documentary teaser. The documentary will seek to address the issue of dwarfism from the perspective of people with dwarfism who seek to stigmatize the pejorative image they have about this condition.

Keywords: Dwarfism. Capacitance. Documentary. Limitation. Perspective.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	6
2. OBJETIVOS	7
3. JUSTIFICATIVA	8
4. METODOLOGIA	9
4.1. Pré – Produção de documentário	9
5. REFERENCIAL TEÓRICO	11
5.1. NANISMO	
5.1.1. Panorama Histórico do Nanismo	13
5.1.2. CAPACITISMO	14
5.1.3. Ausência de Referência ao Nanismo	15
5.1.4. Nanismo como um estigma	15
5.1.5. Nanismo no Brasil, uma busca por reconhecimento	17
5.2. O CONCEITO DE DOCUMENTÁRIO	19
5.2.1. A Ética dentro do documentário	21
5.2.2. O olhar subjetivo sobre o "outro" no documentário Brasileiro	22
5.2.3. A representação do Outro e sua voz no documentário	23
6. MEMORIAL DESCRITIVO	25
6.1. PROPOSTA DE DOCUMENTÁRIO	25
6.2. PROPOSTA DE DIREÇÃO	27
6.3. ARGUMENTO	28
6.4. VISÃO ORIGINAL	31
6.5. ELEIÇÃO E DESCRIÇÃO DO OBJETO	32
6.6. ESTRATÉGIA DE ABORDAGEM	34
6.6.1. Pesquisa para o documentário	34
6.6.2. Contexto dos personagens	35
6.7. CRONOGRAMA	47
6.8. EQUIPE	50
6.9. TEASER	51
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52

1. INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso Comunicação Social, consiste no projeto de pré-produção de um documentário intitulado “O Nanismo em nós”. A pretensão é explicitar todas etapas prévias e o planejamento necessário para tornar possível a realização do filme. Assim, o texto tem por finalidade apresentar conceitos sobre nanismo¹ e uma breve explicação do formato que será utilizado no documentário. A segunda parte é constituída pelo memorial descritivo especificando o processo de pré-produção, de formação e descrição do *teaser*.

A fundamentação teórica envolve o entendimento de conceitos sobre a temática abordada, a importância de um documentário sobre nanismo, bem como as referências que possam fundamentar a concepção da pré-produção. A metodologia destina-se a explicar cada etapa que consiste no documentário: o argumento, a proposta, quem são os personagens e a forma de abordagem a ser usada. Além disso, expõe o cronograma de todas as etapas da pré-produção até a pós-produção. E por fim, um *teaser* apresentando o documentário no formato visual.

Além de abordar o nanismo, um outro ponto relacionado a ele e que também se constitui em tema do documentário é o capacitismo. O nanismo é uma condição genética que pode afetar o ritmo de crescimento e tem mais de 200 variações². O tipo mais comum é o nanismo acondroplásico que apresenta como característica física uma baixa estatura, um encurtamento dos membros, sem severas restrições físicas diferentemente das outras variações; que alguns casos há debilidade total de locomoção. Porém, a maior parte dessas variações não afeta o intelecto da pessoa, que mesmo com o físico afetado, a pessoa pode seguir uma vida completamente independente.

O documentário a ser produzido, a partir deste projeto, tem como finalidade o cunho social. Objetiva questionar a discriminação e o preconceito social sofrido por um determinado grupo de pessoas com deficiência caracterizado como capacitismo³. A proposta é trazer uma perspectiva diferente ao retratar pessoas nanismo no cinema documentário. Assim, usar de uma abordagem que busque uma identificação da temática com a vida desses indivíduos. Em

1 Nanismo é uma condição genética que se caracteriza pela deficiência no crescimento, resultando numa pessoa com baixa estatura, se comparada com a média da população de mesma idade e sexo.

2 Informação presente no site do Ministério da Saúde: <https://bvsmms.saude.gov.br/nanismo/>

3 Capacitismo é a discriminação e o preconceito social contra pessoas com deficiência. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/capacitismo/>

vez de expor a condição do nanismo em si para o público em geral, pretende-se esclarecer como é a vida dessas pessoas por meio de uma abordagem identitária e participativa dos personagens do documentário.

Para tanto, pretende-se usar a entrevista com o fim de trazer o ponto de vista das pessoas com nanismo e entender suas percepções tanto em relação à sua própria condição como em relação ao preconceito social que as pessoas “normais” acometem contra essas pessoas que a taxam como “diferentes”. Dessa forma, busca-se entender um lado pessoal que vai além do nanismo, sem desconsiderar a condição genética presente nessas questões. Assim, seria captar desses diferentes personagens suas visões de vida.

O projeto busca fugir da visão tradicional sobre o nanismo, muitas vezes abordada em programas de televisão e em documentários. Padrão esse mais focado em expor o nanismo que mostrar a complexidade e profundidade do tema em questão. Logo, o projeto busca trazer uma perspectiva distinta ao convencional; pois será produzido por alguém que convive com essa condição, algo pouco presente dentro do audiovisual, menos ainda no audiovisual brasileiro, além da questão do capacitismo.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral:

Realizar uma pré-produção que permita a produção de um documentário que trate o nanismo sobre a perspectiva desconstrutiva de pessoas com nanismo.

2.2. Objetivo Específico:

Explicar o que é o nanismo e o que significa ter nanismo. Analisar como o capacitismo afeta a condição social das pessoas com nanismo.

Entender que o capacitismo sendo uma forma de violência que se iguala às outras, ainda não é considerado crime.

Mostrar uma forma de documentário que possa representar distintamente a percepção da realidade de pessoas com nanismo.

3. JUSTIFICATIVA

A inviabilidade de ter uma vida normal para pessoas com nanismo é ainda pouco discutida no Brasil, tanto em questões de políticas públicas como no meio social. É uma questão permeada de uma apatia e desinformação por parte das instituições e sociedade como um todo. Isso desencadeia a necessidade em proporcionar a esse grupo formas que possibilitem que suas demandas e dificuldades ganhem a visibilidade que merece. Além de trazer à tona a questão do capacitismo estrutural e social acometido em relação ao nanismo.

Dessa maneira, pautar essas questões em um documentário permite gerar mais oportunidades para que haja um questionamento dentro da sociedade e fortalecer a identidade desse grupo ainda, em certa medida, desconsiderado socialmente. Ao se possibilitar a criação de formas que gerem visibilidade positiva a pessoas com nanismo, pode desencadear a sensibilização da sociedade e dar ênfase para questões que promovam uma melhor qualidade de vida para tais pessoas.

O documentário é o gênero cinematográfico que possibilita, a partir do globo ocular de um cinegrafista, mostrar o mundo não ficcional e gerar uma narrativa sobre ele. Nesse contexto, a pesquisa se pautará na perspectiva de pessoas com nanismo que buscam ações para contornar as condições de descaso e humilhação que são presentes em suas vidas.

Ao se buscar dar visibilidade e ao mesmo tempo dar uma voz a grupos minoritários é algo cada vez mais presente no cinema documentário. Ainda mais em um período que a comunicação se tornou uma ferramenta de massas, mais pessoas têm acesso e criam seus próprios conteúdos. Assim, pessoas com nanismo fazem o mesmo nas redes, conscientizando outras que vivem sobre um preconceito buscando criar um empoderamento tanto pessoal como coletivo.

Portanto, tratar essa temática por meio de um documentário é se comunicar com pessoas com nanismo e agregar visibilidade aos processos de luta que elas começaram. Processo esse que envolve a desconstrução de um ponto de vista histórico-social de exclusão e segregação a pessoas com nanismo. Isso implica possibilitar dentro do documentário um lugar de fala⁴, que abranja todas as questões do grupo envolvido no contexto em que vive, na busca por respeito e dignidade.

4 Conceito de Djamilia Ribeiro em O que é: lugar de fala?, Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

4. METODOLOGIA

A pesquisa vai se basear em estudos já feitos por pesquisadores tanto na área psicossocial, como a realizada pela pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP) Michelle Pinto de Lima, que consiste na análise sobre a condição social e psicossocial de pessoas com nanismo no mercado de trabalho. No campo do documentário, que envolve o conceito da voz no cinema documentário, destaca-se o estudo feito pelo pesquisador e professor Rodrigo Gomes Guimarães da Universidade São Paulo (USP). Além desses, tomam-se como referência teórica os conceitos sobre documentário de Bill Nichols e Fernão Pessoa.

A pesquisa de pré-produção também consiste de pré entrevistas que visa desenvolver previamente uma lógica de relação entre documentarista e entrevistado(a), ou mesmo do cineasta com o personagem do documentário.

Essa metodologia foi identificada como a mais adequada para desenvolver uma pré-produção que seja coerente ao que o documentarista deseja e onde ele pretende chegar para a formação do documentário.

4.1. CONCEITO DE PRÉ-PRODUÇÃO

A pré-produção é o processo indispensável para qualquer tipo de produção tanto ficção como documentário. É nessa etapa que se coordena todo o planejamento, cronograma, financiamento e até equipe. Processo esse que permite, de forma coordenada, o projeto dar seguimento para as outras ações. Com uma boa pré-produção se cria ferramentas para resolução de adversidades futuras (Puccini, 2007).

Na pré-produção de documentário é fundamental se ter todos os pontos alinhados, para que no momento da gravação não se ocorrer o fator “surpresa”, que em um documentário isso é quase uma constância. Isso se deve ao fato de se trabalhar com agentes e lugares reais onde seus funcionamentos estão além do controle do cinegrafista e da produção. Por conta da imprevisibilidade, há uma ordem a ser seguida para se ter uma pré-produção adequada, como explicita o professor de cinema de documentário Sergio J. Puccini

em o “Documentário e Roteiro de Cinema: da pré-produção à pós – produção” (2007). Ele aborda esses conceitos sobre as perspectivas de outros pesquisadores do cinema documentário, como Barry Hampe(1997) e Alan Rosenthal (1990).

. **Proposta:** (*proposal*) trata-se de um texto de apresentação do filme documentário e uma divulgação para conseguir financiamento para o projeto. O proponente deve atrair o interesse para o projeto, mostrar a importância, de forma objetiva e breve (Puccini, 2007)..

. **Pesquisa:** “O que conduz sua pesquisa é sua hipótese de trabalho” (Rosenthal, 1990). A pesquisa é a base para a formação da hipótese do documentarista sobre o tema abordado. Como fonte de pesquisa são utilizados: material impresso, material de arquivo (filmes, fotos, arquivos de som), entrevistas e pesquisas de campo nas locações de filmagem.

. **Argumento:** O argumento em um filme documentário parte da premissa de 6 (seis) questões principais: “O que?”; “Quem?”; “Quando?”; “Onde?”; “Como?” e “Porquê?”. A primeira, “O que?”, se refere ao tema, a questão em que o filme vai se desenvolver. “Quem?”, se baseia na especificação dos personagens do documentário, estabelecendo papéis para cada um deles. “Quando?”, é sobre a cronologia do evento abordado. “Onde?”, é sobre as locações da filmagem ou espaço geográfico que o documentário se passará. “Como?” nessa parte é como será detalhado a maneira como o assunto será tratado, a ordenação de sequências, a estratégia de abordagem. Já o “Porquê?” é sobre a justificativa para a realização do documentário, a importância da proposta (Puccini, 2007).

. **Tratamento:** Esse utensílio é uma forma de organizar as ideias já encontradas no argumento. O tratamento é ligado a estrutura que o documentário vai seguir para possibilitar uma organização das sequências do filme. Essas sequências servem para dar uma abertura maior ao documentarista para eventuais mudanças durante a filmagem. Segundo Alan Rosenthal (1990), o tratamento funciona na seguinte ordem: 1) Como a história irá desenvolver sua tese conflito; 2) As sequências principais; 3) Quais são seus personagens principais ; 4) As situações em que eles estão envolvidos ; 5) As ações que eles empreendem e os resultados dessas para eles ou para a sociedade; 6) O foco de interesse no início e no final; 7) Os principais momentos de ações, confrontações e resoluções; 8) Uma noção de toda a construção dramática e ritmo. Puccini conclui que o tratamento serve assim para validar os recursos expressivos que serão empregados no filme (Puccini, 2007)..

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme pesquisas realizadas de acadêmicos como de Michelle Pinto de Lima com sua tese de doutorado “Compreensão Nanismo da Vida de Trabalho para Pessoas com Nanismo: Entre Estigmatização e o Reconhecimento”, como referencial para área do estudo sobre Nanismo. E Rodrigo Gomes Guimarães , “A voz do Outro na voz do documentário (2019)”, que servirá de base para conceituar alguns aspectos de estudo da linguagem documentária sobre o Outro⁵. Além de outros teóricos como Bill Nichols e Fernão Ramos no campo do documentário e referências conceituais de Djamilla Ribeiro

5.1. Nanismo

A palavra nanismo está referenciada na expressão inglesa *Dwarfism*⁶ para designar uma condição de “atrofia do crescimento” ou “baixa estatura”; condição essa que pode estar presente tanto em animais como em pessoas. Assim, os termos nanismo e *Dwarfism* são os mais apropriados tanto na língua portuguesa quanto na inglesa para se referir a essa condição.

No mundo, estima-se que o Nanismo afeta aproximadamente cerca de 250.000 pessoas. A estimativa é de 1 para cada 25.000 nascimentos em todo o mundo. No Brasil não há, ainda, um registro preciso sobre a prevalência do grupo populacional de pessoas com nanismo diante da população geral (Lima, 2019).

O nanismo se caracteriza por um transtorno genético que gera uma deficiência no crescimento, acarretando numa estatura máxima de 1,45m para o homem e 1,40 para mulher. Tal estatura corresponde a 20% inferior da média de tamanho considerado normal⁷. Segundo o Ministério da Saúde, há duas categorias principais distintas: nanismo hipofisário ou pituitário, e o acondroplásico. O primeiro é causado pela deficiência na produção de hormônio do crescimento, sendo caracterizado por uma forma de “nanismo proporcional”, devido ao tamanho dos órgãos serem proporcionais à altura do indivíduo. Já o acondroplásico, é o tipo de “nanismo desproporcional” e tipo mais comum dessa deficiência, sendo uma síndrome genética que impede o crescimento normal dos ossos longos, fazendo com que as diferentes partes do

5 Referente ao sujeito filmado dentro do documentário, NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Ed. Papyrus. 2002.

6 "[Definition of DWARFISM](https://www.merriam-webster.com/dictionary/dwarfism)". *Merriam-webster.com*.

7 Araújo, Ana Paula de. Doenças Genéticas: Nanismo; Link <https://www.infoescola.com/doencas-geneticas/nanismo/>

corpo cresçam de maneira desigual. Os membros do corpo são proporcionalmente mais curto que o tronco, com uma cabeça maior que a média e traços faciais característicos.

O nanismo acondroplásico, segundo Cevik *et all* (2010), é uma doença autossômica dominante causada pela presença de um alelo defeituoso no genoma. Ela é associada a idade paterna superior a 35 anos. A acondroplasia sendo a forma mais comum de nanismo, sendo responsável por 70% dos casos, ocorrendo em 4 a 15 entre 100.000 nascidos vivos⁸.

Além das características citadas anteriormente há outras condições genéticas que se subdividem em 200 tipos e 80 subtipos que causam nanismo como: displasia congênita espondiloepifisária, displasia diastrófica, pseudoacondroplasia, hipocondroplasia, síndrome de Noonan, nanismo primordial, síndrome de Cockayne, síndrome de Turner, osteogênese imperfeita (OI) e hipotireoidismo. Além disso, grave encurtamento com distorção esquelética também ocorre em várias das Mucopolissacaridoses e em outros distúrbios de armazenamento⁹.

O Nanismo já é normalmente diagnosticado na infância devido ao fato das características serem visíveis, como a baixa estatura ou o crescimento atrofiado. A displasia esquelética é suspeitada por causa de características físicas aparentes (como a configuração incomum do rosto ou o formato do crânio), isso além das medidas corporais desproporcionais¹⁰. Fatores esses que já fazem na infância a pessoa sofrer algum tipo de preconceito por parte das outras pessoas por causa de sua condição física.

5.1.1. Panorama Histórico do Nanismo

Os estereótipos em relação aos corpos de pessoas com nanismo foram construídos desde a Antiguidade, conforme Lima (2019) e outros autores, foi possível perceber que “antes de haver uma história escrita a respeito de anões, suas imagens apareciam no trabalho artístico de muitas culturas.”(pág.21).

⁸ Çevik, Banu; Çolakoğlu, Serhan (2010). "[Anesthetic management of achondroplastic dwarf undergoing cesarean section](#)" (PDF)

⁹ "Causes of Dwarfism". *WrongDiagnosis.com*.

¹⁰ Hagenäs L, Hertel T (2003).- *Horm.* "[Skeletal dysplasia, growth hormone treatment and body proportion: comparison with other syndromic and non-syndromic short children](#)"

As pessoas com nanismo eram consideradas como artefatos nas principais civilizações da Antiguidade, Egito, Índia, China, Grécia, Roma, civilizações Ameríndias (civilização Maia) além de outras culturas. A elas eram atribuídos papéis de divindades, bobos da corte, acrobatas, guardiões de joias e objetos preciosos; além de serem vistas como símbolos de maus presságios, fertilidade, maldade e bondade. Estando, assim, associadas ao misticismo. (Lima,pág.21)

Na nobreza e realezas pessoas com nanismo eram usados para “a violência e lascívia, atrações de circo, animais de estimação e mascotes de pessoas poderosas e prestigiadas” (pág.21), sendo exibidos para espetáculos e entretenimento. Em outras situações, estavam presentes em lendas e mitos, sendo colocados como seres folclóricos, representados como duendes e gnomos ou mesmo numa figura de “Anão” mitológica. Representação essa que atualmente não é mais atribuída a pessoas com nanismo.(Lima 2019)

Outro aspecto a ser destacado era a formação de grupos de pessoas com nanismo que, por não serem inseridas em funções ou ocupações tradicionais, acabavam formando trupes que viviam em prol do entretenimento a outras pessoas. Esses grupos acabavam formando pequenas comunidades ou aldeias, dando assim a ideia de que eram um “povo”(Lima,2019).

No século XIX e início do século XX, é identificada uma onda muito grande de formação dos chamados circos de "*Freak Show*"(traduzido para Circo dos Horrores), que consistiam em exposições de pessoas com alguma anomalia para entretenimento, e as pessoas com nanismo se encaixavam nos moldes das exposições desses shows; tanto como forma de exposições como em apresentações cômicas, fato esse último fez muitas dessas pessoas migrarem para circos itinerantes, após a desmistificação desses espaços de exposição de pessoas "anômalas".

Com o avanço da ciência, o que proporcionou um conhecimento médico sobre as condições físicas dessas pessoas, houve mudança em relação à percepção dessas pessoas, de aberração para personagens cômicos, como no cinema e depois programas de televisão.

5.1.2. Capacitismo

A palavra é caracterizada como a discriminação a pessoas com deficiência, como a expressão inglesa *Ableism*¹¹. Ashley Eisenmenger, coordenadora de relações públicas da

11 Access Living - link : <https://www.accessliving.org/newsroom/blog/ableism-101/>

Associação “*Acces Living*”, denomina o capacitismo como uma construção social de um corpo padrão perfeito denominado como “normal” e da subestimação da capacidade e aptidão de pessoas em virtude de suas deficiências gerando o preconceito e exclusão social sobre essas pessoas.

Eisenmenger(2019) cita que o capacitismo apresenta-se de diversas formas como: a falta de cumprimento de leis para pessoas com deficiência; a segregação de estudantes deficientes em escolas separadas ou o uso de medidas restritas e de isolamento para esses; a segregação de adultos ou jovens em instituições; ausência de medidas de acessibilidades em planejamentos de projetos de construção; usar da deficiência de outros como piada, ou zombar de pessoas com deficiência.

Historicamente, o capacitismo surgiu a partir do movimento eugenista¹², final do século XIX e início do século XX, que pregavam uma “purificação dos genes”. Assim, pessoas com deficiência eram excluídas, castradas, presas e até mesmo mortas. Esse movimento inspirou o programa nazista de *Euthanasia* em massa de pessoas com deficiência tanto mental como física; tendo o objetivo de eliminar esses indivíduos, que na percepção dos nazistas, eram consideradas “uma vida indigna da vida”¹³.

Ainda na percepção de Eisenmenger (2019) são identificadas formas de capacitismo “menores” que são recorrentes no dia a dia de pessoas com deficiência. São elas: enquadrar a deficiência como algo trágico ou inspiradora em notícias, filmes e outras formas de mídias; usar de um ator não deficiente para interpretar um personagem com uma deficiência em alguma peça, filme, programa de televisão ou propaganda; a infantilização de pessoas com deficiência, ou mesmo falar sobre ela em vez de diretamente para ela; assumir que pessoas com deficiência tem que ter alguma deficiência visível para realmente ser deficiente; usar questões invasivas para perguntar sobre um histórico médico dessa pessoa. Essas são algumas das várias agressões que o capacitismo apresenta de maneira mais “sútil”; porém diárias e comuns na rotina de uma pessoa com deficiência.

12 [EveryBody: An Artifact History of Disability in America](https://everybody.si.edu/citizens/eugenics) : link -<https://everybody.si.edu/citizens/eugenics>

13 Holocaust Encyclopedia:link - <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/euthanasia-program>

5.1.3. Ausência de Referência ao Nanismo

Segundo Lima (2019) na vasta literatura consultada no seu doutorado ela conclui que “a respeito de pessoas com deficiência, educação, profissão, mercado de trabalho, exclusão, inclusão, diversidade, preconceito, entre outros temas, não há nenhuma referência a pessoa com nanismo.”(p.16). Isso que Lima menciona é que quando se refere-se a pessoas com deficiência não se inclui as pessoas com nanismo, sendo que o nanismo é considerada uma deficiência oficialmente na Lei nº 10.048/2000, referendada no Decreto Nº 5.296/2004 (Brasil,2004)¹⁴ .

Porém, a análise da autora, resultante de pesquisa sobre o nanismo ou pessoas com nanismo, mostra que as publicações científicas trazem muito como achados clínicos. Muito se fala sobre causas, tipos, consequências, tratamento genéticos. Mas em se tratando de questões psicossociais relacionadas à vivência de pessoas com nanismo ou da situação dessas pessoas dentro da sociedade, muito pouco foi produzido. No campo da filmografia documentária a escassez é maior ainda, restringindo-se a projetos que buscam uma noção mais clínica que social sobre essas pessoas, desconsiderando as relações sociais delas.

5.1.4. Nanismo como um estigma

A condição do nanismo é pouco abordada independente de sua complexidade e variedade. No Brasil essa situação é ainda mais grave, uma vez que pessoas que são consideradas deficientes são colocadas em segundo plano de pautas sociais; às pessoas com nanismo é imposto o estigma de humilhação social que as subjuga a um grupo denominados como “anões”¹⁵, mesmo que no sistema jurídico sejam consideradas deficientes.

A pesquisadora Lima (2019) vai destacar que as pessoas “normais” que têm um primeiro contato com um “anão”, apresentam de início reações ao seu tamanho, ignorando as outras características físicas, somente depois é que há uma percepção sobre a idade e a maturidade social (p.20). Devido a diferença das outras deficiências em que há uma incapacidade motora do corpo, as pessoas com nanismo acabam sendo moldadas pela aparência

14 DECRETO Nº 5.296 DE 2 DE DEZEMBRO DE 2004. , link : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm

15 termo popular para denominar pessoas com nanismo

física de sua condição. O nanismo, considerando os desafios causados pela deficiência física, acarreta ações discriminatórias por sua estigmatização social (p.20).

As dificuldades de se viver com nanismo não estão circunscritas apenas aos desafios relacionados a ser pequeno em uma sociedade construída para uma maioria de estatura maior, o que se traduz, no cotidiano, em dificuldades de acessibilidade. Também não se limita ao enfrentamento dos problemas de saúde ligados à sua condição de displasia. Como não se pode dissimular a sua corporeidade distintiva, a identidade imediatamente projetada é a de 'anão', personagem de baixa estatura que habita o imaginário social como um gnomo, duende, palhaço, enfim, alguém que ocupa o palco do teatro, cinema e televisão para fazer a plateia rir da aparência. (Lima, 2019, p.29)

Ainda na infância, as pessoas com nanismo já notam que sua característica física é motivo de risos, olhares, comentários e atitudes que depreciam sua pessoa. No contexto social é mais visível ainda a discriminação, onde essas pessoas têm que suportar clichês e conotações culturais que colocam sua imagem à de um ser cômico, grotesco, resultando numa percepção de exclusão e sentimento de humilhação social (Garcia,2010).

O desenvolvimento pessoal de uma pessoa com nanismo, é marcado por sensações de exposição em espaços públicos, caracterizada como uma pessoa diferente. A diferença física evoca nos outros uma reação que acaba sendo prejudicial tanto socialmente quanto psicologicamente para pessoas com nanismo. “A cada novo contato social, renova-se a experiência de conhecimento de seu estigma”. (Lima, p.26)

O homem que sofre de uma deficiência visível, quanto a ele, não pode mais sair de casa sem provocar olhares de todos. E quando ousa fazer qualquer passeio, é acompanhado de uma multidão de olhares, frequentemente insistente. São olhares de curiosidade, incômodo, angústia, compaixão, reprovação. Como se o homem que tem uma deficiência tivesse que suscitar de cada passante um comentário (Le Breton,2006,p.73).

Em público essa reação é ainda mais evidente, o que faz com que pessoas com nanismo sejam colocadas como objetos que servem exclusivamente a um descrédito e julgamento social imposto pelas outras pessoas. Como se a humilhação fosse mais um elemento que se soma à experiência social da pessoa com nanismo. Como se a essa pessoa servisse somente a um único propósito já embutido na sua condição que é fazer as pessoas “normais” rirem. Compreende-se a risada como fator decorrente por ser depreciativo a essa pessoa o que está alinhado à marcação cultural socialmente construída pela sociedade. Por serem heranças históricas, incorporam o presente deste grupo social aos estereótipos formados no passado. (Lima,2019)

Essa relação cria a noção ao indivíduo estigmatizado de que ele está aquém no núcleo social, mesmo sendo ser humano e sob uma mesma categoria social (pessoas de mesma idade, sexo, profissão) (Lima 2019 ,pág .41) além de possuírem os mesmo direitos jurídicos e sociais dos demais.

" Pessoas socialmente estigmatizadas frequentemente sofrem discriminação em esferas críticas da vida, tais como emprego, habitação, educação e interações sociais (Brascombe, Schmitt, & Harvey, 1999; Gouvier, Sytsma- Jordan, & Mayville,2003). Segundo Stace e Danks (1981), adultos com displasias tem maiores dificuldades de encontrar emprego e casamento, sendo amplamente aceito que déficits experimentados por crianças e adultos com baixa estatura são o resultado de fatores sociais e de respostas psicológicas e emocionais, em vez de complicações médicas." (Lima,2019.pág .42)

Os efeitos do estigma se mostram na vida adulta, quando a pessoa necessita desenvolver laços afetivos, sociais e profissionais. Dessa forma o indivíduo estigmatizado vê na desvantagem como única maneira de se organizar sua vida, assim acabam aceitando e assim utilizando do lugar que lhe é imposto na estrutura social, usando-se da identidade de “anão” para se empregar no lugar que é disponível para o seu estigma, tendo sua imagem como um produto de exposição. O estigma coloca essas pessoas num personagem social cômico, sob uma moldura socialmente construída.

Partindo das premissas já colocadas tanto por Lima (2019) como por outros pesquisadores, nota-se que realmente há danos acarretados a esse grupo social que é o de pessoas com nanismo devido a imagem depreciativa e cômica que é atribuída pela sociedade que provém de um “contexto normativo” que é base para forma como é feita as representações e práticas sociais.

O fato de o indivíduo com nanismo precisar ser colocado sobre uma condição de objeto sobre uma concordância social, junto ao que sua presença mesmo que não intencional corrobora numa humilhação social dos outros à sua pessoa. Logo, o estigma social a esse indivíduo invoca uma negação por parte da sociedade a esse indivíduo sobre acerca de sua essência humana.

5.1.5. Nanismo no Brasil, uma busca por reconhecimento

O Nanismo, como as outras deficiências, está numa realidade divergente, quando se trata da busca por uma equidade social, em relação a pessoas “normais” por se encontrar num meio que ignora a condição adversa da deficiência. Além da questão estrutural, há o desafio

perante a inclusão e reconhecimento na esfera pública, fator que está diretamente afetado pelo capacitismo estrutural que estigmatiza e segrega pessoas com deficiência.

Atualmente, há uma busca por parte das pessoas com nanismo pelo reconhecimento e necessidade de maior inclusão na esfera pública, buscando um enfrentamento ao capacitismo e ao preconceito que as segregam. Assim, socio politicamente, essas pessoas têm se organizado para reclamar direitos diante às necessidades de suas condições físicas e identitárias.

Como notável conquista desses indivíduos foi a regulamentação do dia 25 de outubro como o Dia Nacional de Combate ao Preconceito contra pessoas com nanismo da Lei nº13.472/2017 (Brasil, 2017)¹⁶, sendo essa lei um avanço na busca por reconhecimento como pessoas em igual valor social.

A partir do estudo intitulado “Sociologia do Reconhecimento”, desenvolvido por Mattos, Lima (2019) aponta que duas dinâmicas emergiram na luta por reconhecimento: “uma reivindicação a diferença, com cada valor individual exigindo o reconhecimento de uma identidade de grupo particular, e o outro a diferença como dignidade atrelada ao valor intrínseco de cada indivíduo” (Lima,p.44).Assim, seria uma forma de buscar uma igualdade de “direitos à diferença”.

Lima (2019) coloca que o fator das “liberdades individuais”, junto com a “universalização da relação jurídica” (p.48), possibilitou que todos pertencentes à sociedade possam ter o mesmo direito, formando, assim, “as condições ideais para uma ‘luta por reconhecimento’ no interior da esfera jurídica” (p.48). Assim, a autora aponta que o fato de não se reconhecer o desrespeito dá origem a conflitos. Isso remete à necessidade da ampliação de melhores condições materiais e legitimação e reconhecimentos de um indivíduo com direitos.

A universalização jurídica historicamente fez com que a estima social¹⁷ (Lima,2019) não fosse mais associada a privilégios jurídicos de um grupo com caracterizações morais da personalidade (p.50). Desse modo, é necessário que movimentos sociais busquem chamar a

16 Legislação Informatizada- Link: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13472-31-julho-2017-785269-publicacaoriginal-153465-pl.html>

17 Conceito entendido por Michelle P. Lima, uma forma de reconhecimento que é baseada no princípio de como o sistema referencial valorativo constitui o indivíduo.

atenção de esferas públicas sobre as negligências com que são tratadas pessoas socialmente estigmatizadas e assim buscar meios de agregar tais indivíduos socialmente ao grupo.

Como resultado, o indivíduo cria um vínculo prático de “autoestima” coletiva com o meio social. As formas de convívio nas relações de tais indivíduos se caracterizam de forma solidária, pois há uma noção em comum da relação sobre a estima entre si. Assim a Lima (2019) coloca que a “solidariedade pode, então ser entendida como uma relação interativa em que os sujeitos , que se estimam simetricamente, interessam-se por seus modos distintos de vida” (p.51). Isso é presente nas associações formadas por pessoas com nanismo, que buscam criar vínculos com outros de mesma estima.

"Com a individualização do reconhecimento da estima, modifica-se também a relação prática consigo próprio. O respeito gozado por um indivíduo não é mais atribuído ao grupo ao qual pertence, de modo que todos possam gozar socialmente dele. A experiência pessoal da estima social é vivenciada pelo indivíduo com uma confiança emotiva na apresentação de realizações ou na posse de capacidades que são reconhecidas como valiosas pelos demais membros da sociedade. Essa autorrelação prática também é conhecida como autoestima, sentimento do valor próprio, autoconfiança e autorrespeito." (Lima, 2019,p.51)

Assim, para pessoas com nanismo a reputação é alvo de estigmatização devido à identidade coletiva ser tipificada sobre o termo “anão”. Afetando o “princípio da dignidade” pois não basta ser indivíduo possuidor de direitos, pois estes não podem ser logrados em toda sua extensão se depende do respeito à sua posição na esfera pública. Tal fato de tipificação faz com que o indivíduo seja rebaixado em sua autoconfiança, o que pode proporcionar para uma “humilhação social”(Lima, 2019).

A autora conclui que como formas de reconhecimento – amor, direito, solidariedade – há relação prática medida pela autoconfiança no relacionamento tanto amoroso como de amizade; autorrespeito nas relações jurídicas e autoestima dentro da “comunidade social de valores” (Lima, 2019). O demérito de reconhecimento dessas autocorrelações ocasiona no fator de conflito que faz com que o indivíduo se sinta desrespeitado e não reconhecido. Ocasionalmente assim, num esfacelamento da identidade do indivíduo, pois a autoimagem é dependente de reconhecimento do outro.

5.2. O conceito de Documentário

O documentário e a ficção, segundo a definição de Ramos (2008), são “duas tradições narrativas distintas, embora muitas vezes se misturem”. Enquanto na ficção há uma divisão bem estabelecida de gêneros; o documentário possui uma “heterogeneidade” de gêneros que às vezes se misturam entre si ou até mesmo com a própria ficção. O que faz do documentário se caracterizar como diferencial é sua capacidade em criar “asserções ou proposições sobre o mundo histórico” (pág.22).

Ainda, Ramos (2008) define o documentário como uma forma de transmitir a realidade de uma maneira autêntica na perspectiva do documentarista, ou seja, criar uma narrativa a partir da “imagem-câmera”¹⁸ formando uma afirmação singular sobre o mundo. Um outro conceito de documentário está em Nichols (2001) “... representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela sejam familiares” (pág.47).

Assim, o documentário é uma ferramenta analítica que adota uma determinada perspectiva sobre o mundo, tornando visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social de acordo com a organização realizada pelo cineasta. O que se constata em Ramos (2008) é que “o documentário, antes de tudo, é definido pela intenção de seu autor de fazer um documentário (intenção social, manifesta na indexação da obra, conforme percebida pelo espectador.)”(pág. 25).

O autor destaca que a narrativa do documentário se apresenta por seus próprios atributos: como a presença de locução (voz *over*), presença de entrevista ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo e raramente com a presença de atores profissionais (que não são da categoria de *star system*) e uma intensidade particular da dimensão tomada (pág.25). Um outro atributo para documentário, são as características do campo da linguagem mais específicas para alguns documentários que fogem ao clássico, como o uso de câmera na mão, imagem tremida, a presença do improviso, roteiros abertos; além de uma ênfase na ambiguidade das tomadas de gravação, características que compõem os elementos estilísticos do documentário (Ramos, 2008).

Em se tratando de característica do documentário, uma é trabalhar com personagens, o que pode acarretar uma confusão, pois essa lógica é vista como exclusiva para o cinema de

18 O conceito que Fernão Ramos formula na obra de mesmo nome de “Imagem-câmera” (2012), está relacionado a um tipo específico de imagem produzido na circunstância do registro e qual estabelece um vínculo especular essencial garantido pelo automatismo do aparelho (câmera).

ficção. Entretanto, desde os primórdios a utilização de personagens é encontrada na narrativa documental. A presença de personagens implica em pessoas que permitem ao documentário singularizar suas corporificações como asserções sobre o mundo. “A narrativa documentária prefere trabalhar os próprios corpos que encarnam as personalidades no mundo, ou utiliza-se de pessoas que experimentam de modo próximo o universo mostrado” (Ramos, 2008, pág. 26).

5.2.1. A Ética dentro do documentário

A ética no documentário se fundamenta, segundo Ramos (2008), por um conjunto de valores que dispõe a visão de mundo que dá base à valoração da intervenção do sujeito no mundo. Compõe o que estabelece a interação entre o documentarista e o espectador na experiência da imagem-câmera conforme constituída no “corpo a corpo com o mundo”(Ramos, 2008, pág.33).

Assim, são estabelecidos quatro sistemas de valores da ética que se baseiam na relação “sujeito-da-câmera”¹⁹ (Ramos, 2008) na forma de afirmação do documentário sobre a realidade representada, são eles:

- a Ética Educativa que consiste no campo de valor formado pelo próprio conteúdo dos valores que veicula, sem que atinja a condição do sujeito representado;
- a Ética da Imparcialidade/recuo parte de uma imparcialidade do sujeito representado com o documentarista, onde não há uma interferência, seguindo lógica do cinema direto da “mosca-na-parede”;
- a Ética Interativa/Reflexiva constitui-se em uma visão crítica ao conjunto de valores que supõe a imparcialidade, defendendo uma intervenção no mundo pelo emissor do discurso (sujeito-da-câmera) como algo inevitável, uma “assunção da construção do enunciar” (pág.39); por fim;

19 O conceito que Fernão Ramos formula na obra de mesmo nome de “Imagem-câmera” (2012) , está relacionado a um tipo específico de imagem produzido na circunstância do registro e qual estabelece um vínculo especular essencial garantido pelo automatismo do aparelho (câmera).

- a Ética Modesta, partindo de ideias pós-modernas, é muito utilizada no documentário em primeira pessoa, um documentário que fala, antes de tudo, sobre si mesmo, para depois chegar falar do mundo.

Desse modo, o documentário se baseia em uma ética a partir da percepção do documentarista sobre determinada questão do mundo. Essa percepção, fundamentada em uma normativa, pode ser seguida ou não pelo documentarista. No entanto, para legitimar sua comunicação com o espectador, é fundamental o documentarista buscar uma ética que seja a mais adequada à temática e à forma de produção que procura seguir.

5.2.2. O olhar subjetivo sobre o “outro” no documentário Brasileiro

Em sua análise sobre o cinema documentário brasileiro, Carlos Alberto Mattos explicita em seu livro *Cinema de Fato* (2006), que o documentário brasileiro atual tem assumido atitudes que buscam romper a “barreira entre mundos sociais segregados” (pág. 173), como forma de criar uma legitimação da expressão cultural. O autor coloca que sobre uma perspectiva pedagógica, antropológica e política, esses documentários fazem uma análise de grupos excluídos socialmente visando a uma recriação da própria imagem. “Ali o realizador confundia-se com o instrutor e a autoria dissolvia-se anonimamente” (pg.174).

Assim, Mattos (2006) aponta que a maioria dos documentaristas estão sendo levados à curiosidade em relação ao “outro”, entidade essa que foi legada ao documentário pela Antropologia. “Um “outro” que pode ser famoso ou anônimo, representativo ou singular, performático ou corriqueiro. Um “outro” que pode ser até o próprio documentarista, por um momento auto-observado e tematizado com um “eu-outro.” (pg.181)

Em se tratando das técnicas que influenciam na ética e na estética, que afeta o documentário brasileiro, há uma valorização das histórias privadas e micropolíticas do cotidiano. Mattos (2006) coloca como uma busca a uma naturalização da subjetividade, esta não mais como “pura organização de linguagem”, mas como narrativa ou narração, numa variedade de procedimentos que está relacionada tanto a quem documenta com a quem é documentado (Mattos,pág.180)

Essa subjetividade proporciona um deslocamento da representação objetiva (“eles”), sendo característica padrão no documentário clássico, para dar lugar à representação subjetiva (“nós”). Mattos (2006) aponta que a “irrupção da subjetividade em tantos níveis talvez seja o

traço mais importante do novo documentário brasileiro”(p.181). Ainda sobre esse tema, o ator faz referência aos filmes de Evaldo Mocarzel, que sintetizam de modo expressivo o diálogo entre a tradição do documentário engajado com a subjetividade e a reflexividade, vistos em *Mensageiras da Luz - Parteiras da Amazônia* (2003), *Do luto à luta* (2005), *Jardim Ângela* (2006).

A interação explícita entre o eu-documentarista e o mundo se dá, na dinâmica de relacionamento entre realizadores e personagens. Isso é particularmente evidente no documentário de transferência, quando a equipe de filmagem divide a autoria com os documentados, repassando a eles os meios de expressão. (Mattos, 2006, pág.170)

5.2.3. A representação do Outro e sua voz no documentário

A partir da voz²⁰ é que os documentários representam aspectos do mundo através de um ponto de vista ou perspectiva. Perez & Stolf (2020) fundamentados em Nichols destacam que “a voz está intimamente ligada à forma como o cineasta expressa uma perspectiva, como ele transmite, representa sua visão sobre questões, problemas e características do mundo histórico” (pág.147).

Dessa forma, soma-se a essa perspectiva o artigo da revista *Teoria e Cultura* escrito por Carlos Pérez Reyna e Mariana Stolf Friggi, “Teko Haxy: autoetnografia e o documentário dispositivo na terra imperfeita”(2020). Os autores fazem uma entrevista com as documentaristas Patrícia Ferreiro Pará Yxapy e Sophia Ferreira Pinheiro do documentário experimental “Teko Haxy - Ser Imperfeita”(2016), “um filme que consiste em uma mulher branca e uma indígena que todo”(p. 141), que abordam tema sobre significância do “outro”. Nesse artigo, os autores trazem uma análise focada em criar sua própria narrativa, seria o “dar voz”, ainda, apontam os documentários sobre uma perspectiva de representar sua própria visão sobre as características da realidade e do mundo histórico. A voz se configura como um elemento determinante no documentário, e se refere à forma como o diretor busca traduzir sua visão sobre alguma questão do mundo (Perez & Stolf,2020).

Além disso, Rodrigo G. Guimarães (2019) faz um estudo baseado no conceito da “voz do documentário” de Bill Nichols, buscando relacionar a importância da presença do “outro” dentro do documentário, para, como protagonista, buscar a realização de mudanças sociais. Assim, busca uma prática que orquestra essa voz, além de colocá-la em meio ao conjunto de

20 Conceito de Bill Nichols , em *Introdução ao Documentário* (2002)

possibilidades de ação social (Guimarães,2019). Dessa forma, seria entender a importância da voz do “outro” dentro do documentário apontando o caminho para que documentários possam assumir uma posição dentro das ações sociais.

A forma como a linguagem do documentário passou a produzir reflexões sobre a ética do filme e entender o modo como se dá a representação do “outro” é recente, uma vez que por muitos anos, ao longo da linha histórica e epistemológica, tal representação se deu por um olhar do dominante sobre o “outro” dentro do documentário (Guimarães,2019).

Como objeto do saber é que muitos Outros foram criados, em relação ao dominante. O dominante, geralmente não-nomeado, é quem estuda Outros. Esses Outros, o delinquente das prisões, o anormal das clínicas, e outros povos discursados como selvagens, primitivos, assim foram categorizados devido a formações de saberes institucionais a regular a vida desses Outros, visando torná-los dóceis e produtivos para o capital, o Estado-nação, e para servir ao dominante. (Guimarães, 2019, p. 24)

Dessa forma, o entendimento em relação ao “outro”, apontado pelo autor, faz parte de um grupo reprimido, é ajustado à maneira do dominante como forma de legitimar o saber sobre o “outro. Criando, assim, uma representação na tentativa de fixar nesse “outro”, a alguma caracterização imposta pelo dominante.

O autor, para conceituar essa caracterização, vai usar o conceito de “*normalização*” de Foucault – que é a

conjunção de conhecimento especializado, práticas institucionais e modos de subjetivação – em que o indivíduo é apresentado como esfera da causa e a solução de sua condição[...] “O indivíduo (re)criado como sendo a origem de si mesmo e da história (p.24).

Dessa forma, apresentar o conceito da “*contramemória*”, na percepção de Guimarães (2019), é uma maneira de interpretação sobre a produção do conhecimento como consolidação da verdade. Para criar a “*contramemória*” é necessário usar de formas diferentes da do dominante; ela requer uma desconstrução da narrativa, usando de um questionamento da memória social junto a uma reconstrução da memória dominante.

Assim, ao escolher indivíduos que sejam parte desses “outros” numa interpretação do que desejam e precisam sob essa nova forma de representação, visando à desconstrução da narrativa dominante, esse “outro” há de ser parte de uma co-criação como formador da voz dessa nova narrativa. Mesmo o cineasta sendo parte do mesmo grupo ou da comunidade do “outro”, a distância entre ouvir e afirmar a voz sobre essa narrativa pode ser menor. Porém a relação de dominância continua presente, pois todos vivenciam, mesmo que de maneiras

diferentes, uma socialização pautada pela dominância. Como exemplo, um homem com nanismo, branco, cisgênero²¹, vai ter uma vivência diferente de uma mulher com nanismo, branca e cisgênero, pois mesmo que essas pessoas vivam sob uma dominância que as colocam numa vivência próxima, ainda terão outros aspectos que as colocam em distinção em suas realidades.

Dessa forma, Guimarães e Guimarães (2019) afirma que não se pode ignorar discursos de dominantes sobre o “outro”, pois assim reproduz a dominação sob um não-enfrentamento. A “voz liberatória” tem que ser colocada numa noção “interseccional”²², e não seguir uma lógica hierárquica sobre a opressão.

Logo, o documentário, como discurso, é uma forma de busca por melhores condições de representatividade para grupos minoritários. A construção da representação, através da linguagem, necessita de um campo de objetividade em movimento, não estático. O “outro” (no sentido da alteridade à discursos dominantes) se auto-representa, e com isso vem a confrontar representações, discursos e práticas que se abatem sobre grupos oprimidos. O reconhecimento de uma construção que busca a não tipificação do “outro” a partir de uma representação que se distancie de concepções dominantes é criar o documentário com um instrumento de mudanças sociais(Guimarães,2019).

6. MEMORIAL

6.1. Proposta

O documentário “ O Nanismo em nós” terá uma duração em média de 60 minutos, terá configuração de documentário expositivo e reflexivo; buscando mostrar uma realidade de pessoas com nanismo e espelhando pontos de questionamentos no espectador sobre como se dá a vida desses indivíduos e como agem; com o fim de reverter o estigma do negativo

21 Doing Gender, Doing Heteronormativity: 'Gender Normals,' Transgender People, and the Social Maintenance of Heterosexuality». Gender & Society.

22 Conceito cunhado por Kimberlé Crenshaw para aglutinar as conversas dentro do movimento feminista negro sobre as diversas opressões que atingem as mulheres negras e outros grupos e como dar importância ao cruzamentos e interstícios entre opressões e como podem desse modo ser produzidas resistências que respondam a essa multiplicidade de opressões, inclusive aquelas que não afetam um sujeito diretamente, mas afetam suas possibilidades de vida porque perfazem estruturas opressivas que se afetam mutuamente. Desse modo, em relação a mulheres negras, por exemplo, não se pode pensar raça, gênero e classe de maneira isolada, sem interligar as três conjunturas sem reproduzir discursos e práticas opressivas sobre elas. Ao mesmo tempo, pensando-se na forma da interseccionalidade, pensa-se o combate a todas as formas de opressão, pois todas têm de algum modo um reforço na existência de outras opressões

criado ao grupo constituído por pessoas com nanismo.

A dinâmica consistirá numa abordagem sobre a vida pessoal e social desse grupo, tendo como foco a complexidade do fator limitante dessas pessoas mais no aspecto social que na condição física da deficiência. Assim, pretende-se tratar de forma irônica e penetrante a “dependência física desses indivíduos” que foi construída a partir de uma lógica histórica preconceituosa e capacitista que até hoje se perpetua. Para tanto, pretende-se ter como ponto de partida a realidade dessas pessoas com o fim de mostrar que há um potencial individual que as fazem alcançar seus objetivos.

Para pautar sobre uma perspectiva de que a limitação dessas pessoas é construída por aspectos históricos e sociais, serão usados relatos pessoais dos personagens e registros que possam mostrar que a baixa estatura é somente uma condição física distinta do padrão, mas não um fator limitante. A ausência de políticas públicas destinadas a criar adaptações que universalizem o acesso aos serviços de uma maneira geral, somada à falta de uma consciência social acabam dificultando ainda mais a situação de pessoas com nanismo.

O documentário usará de entrevistas e acompanhamento da rotina de pessoas com nanismo, para entender que dentro desse grupo há pessoas que decidiram fazer a diferença. Com isso, objetiva-se mostrar que a subserviência ao estigma em sua maioria não é uma posição voluntária da pessoa, mas algo involuntário. Uma forma de se encaixar na sociedade de alguma maneira. Por outro lado, não se submeter a ela cria-se uma identidade própria e empoderada. Com isso, destina entender que a deficiência física não é algo que torna a personalidade uniforme, mas que há complexidade que proporciona um fascínio diante da trajetória dessas pessoas, pois buscam a sua maneira de se impor na sociedade que estão inseridas.

Como eixo principal, será utilizada a metodologia documental participativa – em que o documentarista estará presente na rotina dos personagens, vivenciando como é o dia a dia dessas pessoas, e interpretá-las por meio da "imagem-câmera"; mas ao mesmo tempo questionando junto a elas o que é o estigma social imposto a pessoas com nanismo. Assim, buscar uma exposição de forma a demonstrar o grotesco que há por trás do imaginário sobre a representação do “anão” no imaginário social brasileiro, ou seja, evidenciar um lado, de que são pessoas comuns que apenas buscam ter uma vida “normal”.

Sendo assim, ao invés de confrontar os entrevistados com opiniões contrárias às suas, serão estimulados a expressar de forma sincera suas visões de mundo, mesmo que contraditórias. Assim, por meio de depoimentos e com a formação de registros de suas rotinas por meio de arquivos, como fotos e vídeos antigos, com o fim de revelar ao espectador

essas pessoas como protagonistas de suas histórias.

Por fim, buscar no confronto da representação estereotipada do “anão”, na construção midiática, apontar que essa identidade não representa a maioria das pessoas com nanismo. Mesmo que ainda seja uma representação usada por pessoas com nanismo como forma a atender às demandas dos veículos de massa. Sendo, assim, uma designação estereotipada feita pelos meios midiáticos a usar pessoas com nanismo como “chamadas” de entretenimento. Logo, entender que a nomenclatura “anão” não é uma forma adequada de mencionar pessoas com nanismo, mas uma gíria difamatória a se referir a uma pessoa com nanismo.

6.2. Proposta de Direção

A produção vai consistir em entrevistas que abordem a temática do “capacitismo”, buscando uma interligação pessoal e histórica do ponto de vista dessas pessoas sobre esse termo; entendendo como o capacitismo constitui-se um fator limitante tanto em questões sociais como pessoais. O filme vai ter relatos de terceiros e relatos do próprio diretor, que também é uma pessoa anã, que dará mais personalidade e representatividade ao projeto.

A fotografia vai ocorrer de duas formas: um plano no nível dos olhos com o fim de proporcionar uma sensação de primeira pessoa, pois esse será filmado pelo próprio diretor, devido este ser a única pessoa com nanismo na equipe. O outro plano em *plongée* filmado pelo diretor de fotografia assim terá uma perspectiva em terceira pessoa no evento. A iluminação está dividida em dois momentos: um para as entrevistas e outro para os registros cotidianos que ocorrerá pela iluminação natural do ambiente. Dando-se assim tanto em planos estáticos como dinâmicos.

O som também será dividido em dois momentos: um voltado para uma estrutura de entrevista que foque na fala do personagem; um outro, captado na imersão na rotina, no dia - a - dia. Consiste em trazer os barulhos da cidade, de pessoas ao redor, trazendo uma experiência sensorial daquela vivência. Além do uso de trilhas sonoras de forma a caracterizar algumas cenas.

Dessa forma, serão dois momentos, um de entrevista e outro de acompanhar o cotidiano, este será regido a uma abordagem que busque colocar o diretor dentro da vida do personagem; em momentos do cotidiano de forma a integrar o documentário na rotina dessas pessoas. Somado aos momentos de entrevista em que nos quais busca um maior nível de naturalidade entre o entrevistado e o entrevistador para ter uma espontaneidade e liberdade ao

contar os relatos e perspectivas.

6.3. Argumento

A criação de um documentário que aborda pessoas que estão inseridas no grupo designado como “minorias” constitui-se em um desafio que é criar uma narrativa que desperte empatia no espectador sobre aquele grupo representado. Quando o cinegrafista aborda essa realidade e ao mesmo faz parte dela também, o documentário se torna um duplo manifesto.

Assim, a proposta é fazer um documentário reflexivo e expositivo sobre pessoas com nanismo que buscam condições melhores tanto sociais como estruturais; bem como, mostrar a visão de alguém que além de se identificar com o tema é comprometido com ele. Sendo assim, objetiva apresentar a relação de documentarista e entrevistado como sujeitos nessa narrativa.

Como base para a narrativa do documentário, o conceito “a voz do documentário”²³ embasa a dinâmica da qual “Eu falo - ou nós falamos - de nós para vocês”. Assim, a fundamentação teórica para a linguagem do documentário está baseada na tese a “voz do Outro”²⁴, que é uma análise sobre a representação do “Outro”(Nichols, 2002), que é a possibilidade desse outro ser o sujeito de sua narrativa, ao mesmo tempo ligado a uma vontade funcional de mudança social. Isso fica evidente pois os personagens do documentário diariamente lutam contra o capacitismo.

O capacitismo se apresenta como um fator desafiante e questionador ao documentarista, uma vez que se manifesta na relação negativa que pessoas com nanismo têm com o mundo ao redor delas. Porém, excluí-lo significa ocultar uma parte do que significa a luta dessas pessoas em busca do respeito social. Então, o propósito de apresentar o capacitismo, em acordo com os personagens, objetiva a busca instigante que o documentário terá que evidenciar. Entende-se que assim conseguirá afetar o espectador para que entenda as dificuldades que essas pessoas passam.

Desse modo, o documentário trará relatos e vivências de personagens reais, que fizeram e fazem a diferença para um reconhecimento mais humano e digno para pessoas com nanismo. Além do cinegrafista e idealizador deste projeto, Daniel Madeira, o documentário contará com a participação de pessoas que podem trazer muito sobre a luta a institucional e social acerca do nanismo. Destaco, Kenia Maria, autora da Justificativa do Dia Nacional do

23 Conceito de Bill Nichols no livro “introdução ao documentário” (p.45,2002)

24 Conceito de Rodrigo Gomes Guimarães, “A voz do Outro no Documentário” (2019)

Combate ao Preconceito; Rebeca Costa, umas das maiores *influencers* sobre o tema moda e adaptabilidade; Fernando Vigui, pedagogo, ator e fundador do Nanismo Br. Esta é uma associação que informa e produz conteúdo educativo sobre a temática nanismo. Além das pessoas já mencionadas, outras trarão suas perspectivas e características distintas que agregarão ao conceito do documentário.

Ao usar o capacitismo como parte da temática, sob uma lógica provocativa do documentário, partindo da perspectiva do “Outro” e somada a perspectiva do documentarista, objetiva-se criar um engajamento da pessoa com nanismo com o mundo ao seu redor; mundo esse permeado de estereótipos e preconceitos, que serão expostos pelos próprios personagens. Pretende-se uma abordagem diferente, antagônica à abordagem infantilizada da pessoa com deficiência, onde ela não é protagonista de sua vida

As pessoas deficientes são tratadas em documentários a partir de uma visão e perspectiva que as diferenciam das demais. E quando se aborda o nanismo essa prática é ainda mais explícita, pois além da questão da “piedade” do espectador soma-se um olhar infantilizado do personagem. Portanto, a partir do mencionado anteriormente, busca-se dar a posição dos personagens em criarem a sua própria narrativa, ou seja, uma voz a ser escutada e compreendida como são, “pessoas”. Uma abordagem na qual o deficiente fala sobre ele para ele e para quem não é deficiente, criando o fator de alteridade; uma percepção de quebra de barreira entre o realizador e o entrevistado, um espaço de igualdade sobre a temática proposta.

Como referência, se usará da reportagem documental feita pelo The Guardian em 2019, “Being a Little Person in America Were still treated as less than human” (2019) encabeçada pela jornalista estadunidense Cara Reedy. Ela possui nanismo e é uma das 90.000 pessoas com algum tipo de nanismo nos Estados Unidos. Na matéria, ela busca entender o porquê que essas pessoas ainda são tratadas de forma “menos humanas” pela sociedade estadunidense. Na reportagem ela busca dar voz para pessoas “anãs” de diferentes lugares e classes sociais dos Estados Unidos; tanto aqueles que fazem parte de shows de entretenimento, à acadêmicos que têm nanismo, como pessoas comuns que conseguiram construir uma família. Portanto, mostrar como se deu cada uma dessas dinâmicas para esses indivíduos na condição de ser uma pessoa com nanismo.

Além disso, como forma de auxiliar na linguagem cinematográfica e apresentar um questionamento sobre a condição humana, outra referência é o documentário de João Jardim e Walter Carvalho, “Janela da Alma (2001)”. Esse documentário busca, por meio de uma linguagem poética, mostrar a complexa condição de pessoas cegas, na perspectiva do que é ser cego, e o quão profundo é o termo da visão. Trata-se de um filme que as pessoas são cegas,

mas continuam enxergando além do que as pessoas veem. Logo, é um filme que questiona a limitação que é pré-estabelecida a pessoas cegas e ao conceito de visão.

Portanto, a ideia é de um documentário experimental, que vai tratar esse “outro”, tendo o documentarista como parte do mesmo grupo; prática que começa ser mais presente no documentário contemporâneo. Antes, grupos “excluídos” que eram dependentes de outros para ter alguma narrativa documental, começam a criar suas formas de narrativas com uma estética própria

No documentário, pretende-se trazer aspectos artísticos com uma poética que não seja combativa, mas expositiva e que exteriorize o protagonismo de alteridade que as pessoas devem ter entre si. Apontar o que cada personagem representa e não a sua condição genética, mas sua individualidade, a sua personalidade, onde o nanismo ao invés de ser uma deficiência, seja uma característica que torna essas pessoas únicas.

No Brasil, buscar por pesquisas e trabalhos que versam sobre a voz do Outro no documentário é encontrar, repetidamente, afirmações da impossibilidade da representação do real, do Outro, ou do pensar o filme documentário como meio de intervenção no mundo.” (Guimarães, 2019, pág. 12)

Assim, o projeto de pesquisa consiste em uma abordagem qualitativa²⁵ da vida de pessoas com nanismo, onde o intuito será questionar a estigmatização feita para com pessoas com nanismo e sobre o termo dado “anão”. E mostrar que a deficiência não é um fator limitante, mas um vetor de superação para a vida dessas pessoas; que a limitação está imposta em lógicas estigmatizadas da própria sociedade que, por sua vez, acabam excluindo pessoas com nanismo.

O pensamento do Outro, do radicalmente diferente, não tem lugar nesse pensamento dominante, a não ser como um Outro com potencial para o Mesmo, para o qual falta a identidade do Mesmo. Ser Outro, para a episteme dominante, é ser o Mesmo em potencial, ou então é não ser, não existir.”(Guimarães, 2019.p16)

Ao se buscar uma temática que aborde a questão do “nanismo”, observa-se que há carência de representatividade e sem a participação dessas pessoas produzindo documentários que abordam suas temáticas representativas. Então, fazer com que a pessoa com nanismo

25 A pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados. O relatório final escrito tem uma estrutura flexível. Aqueles que se envolvem nessa forma de investigação apoiam uma maneira de encarar a pesquisa que honra um estilo indutivo, um foco no significado individual e na importância da interpretação da complexidade de uma situação (adaptado, Creswell, John W./ Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. – 3. Ed. – Porto Alegre : Artmed, 2010. 296 p.)

deixe de ser somente “objeto de estudo” para assumir o papel de criar sua própria representação.

Assim, criar uma narrativa que represente a realidade de pessoas com nanismo, tanto de uma perspectiva do documentarista como do personagem representado, tem-se como propósito incluir perspectivas que desestruturam a concepção dominante sobre esse grupo social. Desse modo, gerar um protagonismo sobre a participação dessas pessoas dentro de suas narrativas.

6.4. Visão Original

O documentário propõe revisar o ponto de vista da condição genética do nanismo e a forma caracterizada ao que está posto, como abordagens feitas por pessoas que não têm uma relação direta com o nanismo. O diferencial nesta proposta é que ela está colocada sob a perspectiva de uma pessoa com nanismo, que é o diretor. Além disso, busca-se construir a narrativa junto aos personagens, pois esses são pessoas que possuem uma vivência bastante ativa dentro do contexto de uma realidade de pessoas com nanismo.

O cineasta tendo a mesma condição física que a dos personagens possibilitará mostrar um lado, que ao seu ver, instiga uma relação em comum entre ambos e uma profundidade maior que poderá ser abordada no filme. Isto é, ambos tendo uma vivência social semelhante imposta pela condição física do nanismo, cria uma identidade entre o entrevistador e o entrevistado.

Para isso, será usada uma abordagem que tanto o documentarista quanto os personagens entendem a realidade do nanismo no Brasil. Isso significa que ambos estão numa posição comum ao se tratar pelo “Lugar de Fala” (Djamila Ribeiro, 2017), quando se aborda a questão do capacitismo e do estigma criado a pessoas com nanismo.

Todavia, além dos estigmas acarretado pela condição da sua deficiência, os personagens têm, cada um, características que acarretam em outras hostilidades que se somam ao capacitismo. Por exemplo, um homem branco, heterossexual e cisgênero e com nanismo vai ter somente estigma acarretado à sua deficiência. Uma mulher com nanismo apresenta o estigma da deficiência e também o machismo que é presente na sociedade. Uma pessoa que tem o nanismo e é LGBTQI+ terá a homofobia acrescentada. Uma pessoa negra com nanismo vai ter presente o racismo junto somado ao estigma de ser uma pessoa com nanismo. O nanismo acarreta hostilidades devido ao capacitismo, que se soma a outras violências sociais.

6.5. Eleição e Descrição do Objeto

Os personagens deste documentário se encontram nos grandes centros urbanos do país, os quais conseguiram buscar maneiras de adaptações suas vidas cotidianas, desenvolvendo ações que possibilitam gerar uma visibilidade positiva para a questão de sua condição genética e física. São pessoas comuns que para conseguirem viver uma vida normal precisaram impor um limite entre a curiosidade e o desrespeito praticado pela sociedade.

Para isso, decidiram agir de diferentes maneiras, alguns buscaram no âmbito jurídico conseguir relevância na busca por conquistas e direitos para pessoas com nanismo. Já outras usam da cultura para esclarecer as pessoas de estatura “mediana” a terem uma percepção mais inclusiva e digna com esse grupo. Não menos importante, a internet tanto pode servir como um meio para hostilidades, como uma ferramenta para gerar maior visibilidade. Assim, é o que têm feito os “*influencers*”; pessoas que usam das redes sociais para gerar opiniões junto a seus seguidores. Dessa forma, as pessoas com nanismo buscam usar da visibilidade que a internet proporciona para tratar de assuntos referentes às suas demandas sociais.

Lugar – Após o período de pandemia, o projeto pretende seguir a rotina diária dessas pessoas; entender como começa seus dias e como acaba. Mostrar o aspecto espacial e temporal para entender como funciona a lógica desses personagens; como se posicionam com ações afirmativas, além de mostrar o aspecto desafiador que é o capacitismo na vida dessas pessoas. Dessa forma, a equipe vai atrás desses personagens em suas cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo e Santos. Com o fim de mostrar a realidade de pessoas com nanismo dentro dos grandes centros urbanos, abordando as condições estruturais que elas vivenciam, as relações sociais que se constituem em um fator específico ligado à realidade presente.

Histórias e Casos – Os relatos são marcados por pausas, enquanto os personagens estarão tanto parados em entrevistas como atuando em atividades rotineiras do dia a dia. Servirão para o documentarista e para o espectador entrar na rotina desses personagens e também criar um vínculo pessoal com eles. Assim, entender as memórias vivas da pessoa com nanismo, tanto as positivas como negativas.

Produtos Materiais de Representação (adaptabilidade) – Materiais que representam a adaptação de pessoas com deficiência a uma vida comum dentro das atividades comuns e rotineiras. Por exemplo, a presença de veículos adaptáveis possibilita grande independência para mobilidade pessoal de pessoas com deficiência e inclusive

peças com nanismo. Mostrar essas peças usando essa “ferramenta” é um símbolo de conquistas desse grupo que possibilita apresentar sua independência hoje diante do que fora no passado um fator de exclusão.

Personagens Reais - são personagens que acima de tudo que buscam mudar a condição social do estigma imposto a peças com nanismo. Assim:

1) São peças que ao longo da vida buscaram um empoderamento como ferramenta de superar a opressão psicológica e social que a sociedade capacitista impõe a esse grupo.

2) São homens e mulheres que conseguiram influenciar outras peças com “ideias” sobre o nanismo, que fossem além da estigmatizada, por meio de uma desconstrução em forma de empoderamento pessoal, psicossocial; bem com de certa forma acolher outras que viviam sob um isolamento devido à violência psicológica e capacitista que as impunham evitar qualquer tipo de contato social.

3) São peças que possuem uma visão crítica a respeito do capacitismo.

4) São donos de suas realizações e de suas próprias escolhas.

5) Não se abatem ao que a sociedade acha deles e sim combatem toda forma de opressão imposta a elas.

6) São peças que veem com realismo a situação social brasileira, mas ainda assim carregam um otimismo que possa melhorar a relação da sociedade com as peças com nanismo.

6.6. Estratégia de Abordagem

Personagens reais - Imagens do cotidiano e narrativas

Nossos personagens serão trabalhados através de seu cotidiano. A ideia é que os depoimentos sejam captados no meio de ações do dia a dia, como conversas. Buscar que as narrativas surjam entremeadas com a vida. Alguns personagens principais podem sugerir a criação de um ambiente próprio para o depoimento, mas a tônica geral é que a fala seja captada sempre próxima à ideia de uma narrativa construída no emaranhado das ações vividas. Trabalhar momentos de pausa, onde o tempo suspenso e a distensão favoreçam a conversa

solta onde surgem as narrativas. A câmera nesses momentos está sempre na mão, presente na cena, mas com uma liberdade em relação aos personagens que lhe permite trabalhar os espaços vazios do ambiente enquanto a conversa acontece. Um movimento de um personagem que sai de quadro e, nesse momento, a câmera (em vez de acompanhá-lo) permanece fixando o quadro no vazio da ação. (FIUZA & NOGUEIRA,2019)

6.6.1 Pesquisa para o Documentário

Pré-entrevista

Por se tratar de um projeto de pré-produção e ainda se viver a realidade social de pandemia e ainda recomendações de isolamento social, então foi adotado uma pré-entrevista, de forma remota por meio de *webcam*, nas plataformas do google meeting, zoom e vídeo chamadas do WhatsApp.

Essa abordagem marca um primeiro contato entre o documentarista com os personagens descritos e que farão parte do documentário. Funciona como forma de adquirir informações, além das já adquiridas, e apresentar algumas análises iniciais sobre os entrevistados. Essa prática é importante pois permite identificar algumas questões de início que já podem ser analisadas na pré-produção, como: possíveis constrangimentos, ou mesmo uma recusa por parte do entrevistado em conceder a entrevista (dependendo do assunto abordado); expectativa do entrevistado quanto a sua participação no documentário.

Sergio Soares Puccini (2007) usa como referência o *Writing, directing, and producing documentary films and videos*, de Alan Rosenthal (1988) como forma de contornar esses problemas. Rosenthal (1988) sugere que se faça uma primeira abordagem de maneira cautelosa, para evitar possíveis constrangimentos; a estratégia é fazer anotações se valendo apenas de anotações à mão ou um gravador. No caso deste pré-projeto, foi usado o OBS Studio que permite a captura de gravação de *webcam*, permitindo adquirir as informações do entrevistado à distância e mantendo a segurança tanto do entrevistador quanto do entrevistado.

Essa estratégia permite criar dois momentos da entrevista envolvendo o documentarista e o entrevistado; inicialmente um primeiro contato para que ambos se conheçam, bem como possibilite ao cinegrafista apresentar sua visão ao personagem de seu filme.

Dessa forma, Puccini (2007) conclui que por ter essas duas etapas acaba que muitos assuntos abordados se repetam, podendo induzir uma espécie de entrevista encenada

conduzida já por um *script* elaborado na primeira entrevista. Ele coloca também que “por consequência dessa estratégia é que, já na primeira entrevista, se cria um código de comunicação entre documentarista e entrevistado” (pág.88).

6.6.2 Contexto dos Personagens

As características dos personagens foram coletadas em suas redes sociais e obtidas durante a pré-entrevista, mencionada anteriormente. A entrevista foi realizada com intuito do diretor apresentar o seu projeto para os entrevistados e servir para que ambos se conhecessem.

A entrevista se deu em formato de conversa, onde o diretor buscou conhecer, previamente, aqueles que vão participar do filme. A finalidade foi entender suas opiniões sobre determinados temas, algumas histórias, mas principalmente conhecer as características dos personagens. Foram entrevistas gravadas com consenso dos entrevistados que posteriormente servirão de materiais futuros para a divulgação prévia do documentário.

. Marcela Perrota



(foto adquirida do instagram/@pequenicesblog)

Marcela, branca, tem 30 anos, natural do Rio de Janeiro, especialista em moda inclusiva e apresentação de dicas de vestimenta para mulheres com nanismo. Faz uso das redes sociais para propagar um empoderamento tanto feminista quanto inclusivo a pessoas com nanismo.

Sendo a única pessoa na sua família com nanismo e por muito tempo não teve vínculo

com outras, o que hoje Marcela entende a importância de ter tido esses vínculos. Pois assim permite ter uma convivência com pessoas que tem a mesma vivência, e também para entender melhor sobre o nanismo, pois esta é uma das temáticas principais de sua página no *instagram*. Mas afirma que é muito importante essa troca de ideias, na qual cada vez mais aprende sobre a sua condição, e também compartilha tudo que sabe para as outras pessoas, além de dar excelentes dicas de moda e adaptabilidade.

Marcela afirma que ser uma pessoa com nanismo e mulher acaba que se vive sobre duas formas de estigmas, do capacitismo e o machismo. As mulheres com nanismo, além de terem que viver sob o estigma da condição física da deficiência, sofrem com assédio tanto na vida pessoalmente como nas redes sociais.

No entanto, ela continua lutando para atingir seu objetivo, que é desenvolver uma rede social que aborde uma moda inclusiva e adaptada para pessoas com nanismo. Isso se deve ao fato de que pessoas com nanismo não terem opção de escolha ao comprar roupas, pois quando não conseguem ajustar aquela roupa, precisam recorrer a categorias de vestimenta infantil.

. Fernando Vigui



(foto adquirida do [instagram/@fernandovigui](https://www.instagram.com/fernandovigui))

Fernando Vigui, branco, natural de São Paulo, capital, e onde mora atualmente, tem 38 anos, ator, arte-educador, palestrante e fundador da Nanismo Br. É casado há 11 anos com Fabíola Dreher, 31anos, que também tem nanismo e é natural do Paraná. Ela, além de ser diretora de produção da Nanismo Br. é bancária. O casal tem uma filha de 10 anos que não

tem nanismo.

No caso de Fernando, sua mãe também tinha nanismo, porém ela morreu quando ele tinha apenas 4 anos de idade, devido a complicações cirúrgicas, por erro médico, decorrente de falta de conhecimento clínico em relação ao nanismo quando da aplicação de anestesia. Após isso Fernando foi morar com sua avó e posteriormente com seus tios.

Somente aos 17 anos Fernando foi ter o contato com outras pessoas com nanismo. Isso ocorreu por meio de um convite em um jornal da época, que divulgou um encontro de pessoas com nanismo que ocorria num restaurante tradicional de São Paulo. Nesse encontro, ele criou vínculos com pessoas com nanismo que até então não tinha, sendo que alguns perduram até hoje.

Fernando pauta uma questão que é a noção que pessoas com nanismo possuem os mesmos direitos que pessoas sem a deficiência. Direitos esses definidos em três pontos: a humanização, a pessoa ser vista como um ser humano de fato, questões de saúde, acessibilidade, trabalho e o dever da pessoa em relação a tributos; o protagonismo, a busca e conquistas por objetivos e metas. Por fim, o pertencimento referente à condição de ser ouvido e à igualdade de condições para todos. Porém, esses direitos não são plenamente divulgados às pessoas com deficiências, o que agrava ainda mais para quem tem nanismo, considerando as relações sociais e históricas.

Fernando, junto com Fabíola, coordena uma associação muito importante para outras pessoas com nanismo. Além disso, os dois lidam com uma vida familiar e cuidam de menina de 10 anos. Situação essa que, na maioria das vezes, não é vivenciada por pessoas com nanismo. Uma família estruturada, uma vida realizada com metas ainda são fatores, que para muitos, estão longe de serem alcançadas por pessoas com nanismo. No entanto, tais exemplos mostram que essas pessoas são protagonistas de suas vidas, e não somente vítimas ou personagens cômicos do mundo que vivem.

. Gustavo de França



(foto adquirida do instagram/@anaobmx)

Gustavo tem 23 anos, negro, natural de Osasco/SP e hoje mora em Itapevi Paulo. Gustavo é ciclista de BMX *street*, uma modalidade de ciclismo muito comum nos centros urbanos. Ele é conhecido como o “anão BMX”, por ser a única pessoa com nanismo que pratica esse esporte; vem ganhando destaque nas redes por possuir uma habilidade diferenciada.

Ele tem o sonho de ir para Barcelona praticar BMX, e viajar pela Europa, no modelo “mochilão”. Ou seja, viajando por meio de caronas, o que já faz aqui no Brasil quando vai de um torneio para o outro competir. A sua mobilidade depende da bicicleta e do transporte público quando não pega carona. Porém, ele está tirando a Carteira Nacional de Habilitação (CNH). Isso permitirá a ele ter um carro adaptado e alcançar condições melhores de mobilidade.

Quando questionado sobre o nanismo e a denominação “anão”, Gustavo entende que quando alguém o enxerga como uma pessoa com nanismo, o vê como uma pessoa “normal”, só que com suas limitações. Mas a pessoa que enxerga a pessoa com nanismo sobre a denominação de “anão” vê como um indivíduo incapacitado sobre sua vida, até mesmo limitado mentalmente.

Sobre o papel da mídia na criação desse estigma, Gustavo aponta há duas situações: trata as pessoas com nanismo em programas científicos abordando a condição física da deficiência ou apresenta usando de chacota, e isso reflete nas ruas. Na sua visão, se a televisão não mostrasse as pessoas com nanismo usando da chacota, poderia se ter uma outra

perspectiva, mais respeitosa e digna sobre esses indivíduos. Mas, como a mídia necessita de audiência, então oferta um entretenimento em que a pessoas com nanismo se dá sob humilhação.

Quando questionado sobre o racismo, responde que não consegue diferenciar muito bem quando os outros estão sendo racista ou capacitista com ele. Muitas vezes ocorrem duas formas, fazendo com que Gustavo não diferencie qual dessas agressões ocorrem com ele.

Gustavo representa o nanismo no esporte; uma forma de superação, pois tem que superar os desafios típicos do ciclismo e os desafios que sua condição física o coloca. Por ter uma altura menor e a bicicleta não ser adaptada ao seu tamanho e peso, Gustavo tem que fazer um esforço maior que uma pessoa de estatura mediana.

. Juliana Caldas



(foto adquirida do instagram/[@juzinha.caldas](https://www.instagram.com/juzinha.caldas))

Juliana, branca, tem 34 anos é atriz nasceu e vive em São de Paulo, capital. Começou a carreira aos 16 anos, após realizar alguns trabalhos como *freelancer*. Aos 19 que começou a atuar profissionalmente em musicais. A artista, que tem nanismo, estreiou na TV como a personagem Estela na novela "O Outro Lado do Paraíso", de Walcyr Carrasco, exibida no horário das 21h, em 2017.

Juliana tem na família o pai e o irmão com nanismo, a mãe, que faleceu quando Juliana tinha 16, não teve nanismo, foi uma figura-chave para o desenvolvimento dela na juventude; A mãe de Juliana ensinou a ela a criar um caráter reativo em relação ao desrespeito que sofria devido ao nanismo, respondendo de certa forma sobre a mesma moeda. Mesmo que hoje Juliana não concorde com essa forma de agir, ela entende que isso a ajudou a ter maior afirmação sobre quem ela é.

Após a novela ela diz que muitas pessoas nas ruas começaram a reconhecê-la pelo seu papel, isso fez com que o respeito a sua pessoa melhorasse. No entanto, reconhece que foi mais por um sentimento de pena devido à personagem, na novela, sofria bastante rejeição e crueldade praticada pela personagem que era sua mãe, esta vivida pela atriz Marieta Severo.

Sendo a primeira atriz com nanismo a participar de uma novela em uma grande emissora de canal aberto no Brasil, Juliana mostra uma conquista para pessoas com nanismo que buscam a dramaturgia como carreira. Mesmo que sua personagem apresente características estereotipadas, ainda assim, demonstra uma conquista para pessoas com nanismo na teledramaturgia brasileira. Uma atriz com nanismo ter papel de destaque ao lado de grandes outros atores como Fernanda Montenegro, Lima Duarte, Marieta Severo e Laura Cardoso é bastante significativo. Dessa forma, é notável que ainda há muito a se fazer por mais inclusão e representatividade para pessoas com nanismo, mas Juliana representa esse primeiro passo.

Juliana representa a vida de uma atriz num país em que a cultura é cada vez mais sucateada, a carreira muitas vezes não valorizada; muito mais grave para uma pessoa com nanismo. Mostrou que ao invés de seguir carreiras no ramo do humor, espaço que são colocadas as pessoas com nanismo, ela buscou algo incomum, ser uma atriz com nanismo em um papel de destaque numa teledramaturgia no Brasil.

. Joana Neves (Joana “Peixinha”)



(foto adquirida do instagram/ @peixinhajoana)

Joana, branca, 34 anos, nadadora paralímpica, natural de Natal / Rio Grande do Norte. Em Natal, começou a nadar aos 13 anos por recomendações médicas. Começou na

academia do Tutubarão em Natal, depois de oito meses nadando, foi para uma competição em Recife, onde teve grande destaque. Após nove anos nadando, surgiu o apelido Joana “Peixinha” apelido criado por uma amiga. Hoje a natação além de ser a sua competência, é uma forma de terapia onde ela esquece dos problemas da vida do preconceito que sofre, além de ser uma terapia corpórea.

Joana entende que se não fosse pelo esporte paralímpico ela não seria quem é hoje. Conseguiu pela natação criar seu futuro, constituindo-se em uma alternativa para uma realidade que antes a colocava como uma pessoa “limitada”, devido sua condição física, além dos problemas na sua coluna que poderia agravar e causar limitação nos seus movimentos. Além disso, sua condição social que impossibilita pessoas deficientes de serem agentes de sua história.

Com a natação joana conseguiu em 2012 participar de sua primeira Paraolimpíada. por ser a primeira, competiu sem grandes pretensões, fazendo com que as conquistas viessem de forma inesperada, ganhando sua primeira medalha na primeira Paraolimpíada de sua carreira.

Joana é uma nadadora paralímpica brasileira que conquistou diversas medalhas representando o Brasil nos vários torneios que participou. Em 2020 conseguiu ser eleita Melhor Nadadora Paralímpica do Brasil no troféu *Best Swimming*.²⁶

Isso representa que a deficiência não é uma questão limitante, mas uma condição que necessita de adaptação, além da superação sobre a circunstância do corpo. O caso de Joana, que por meio da natação conseguiu superar aquilo que poderia tê-la deixado inviabilizada pelo resto da sua vida, se tornando hoje umas das maiores nadadoras paraolímpicas do mundo.

26 Fonte da própria página do Best Swimming: <https://bestswimming.swimchannel.net/2020/12/31/melhor-nadadora-paralimpica-do-brasil-joana-maria-silva/>

. Kênia Maria de Souza



(foto adquirida do instagram/ @keniamariario)

Kênia, branca, tem 56 anos de idade. Moradora do Rio de Janeiro, é considerada uma pessoa das mais engajadas no Brasil e no mundo sobre na questão do nanismo. Advogada, autora da Justificativa do Dia Nacional do Combate ao Preconceito e da inclusão de pessoas com nanismo no grupo de pessoas com deficiência. Durante 12 anos foi presidente da Associação de Nanismo do Estado do Rio de Janeiro (Anaerj) e atualmente vice da Annabra (Associação Nanismo Brasil), associação que ela fundou.

Kênia vem de uma família que a maior parte das pessoas tem nanismo. Seu pai tinha nanismo, mas sua mãe não teve, desse relacionamento nasceram três filhos com nanismo, Kênia e outros dois irmãos. Seu pai, por ter nanismo, serviu bastante como um espelho, considerando o fato de ser um homem respeitado e bem-sucedido. Isso inspirou Kênia a ser uma mulher determinada, que nunca se abateu pela sua condição, mas buscou sempre se empenhar em ser a melhor no que fazia.

Hoje, ela é uma mulher super bem-sucedida serve de espelho para seu filho e neto, ambos com nanismo. Kênia é mãe solo, advogada criminal e deficiente com nanismo, uma grande adversidade que ela transformou a seu favor e a fez vencer na vida. Respeitada por todas as autoridades do Rio de Janeiro, juízes, senadores e governadores.

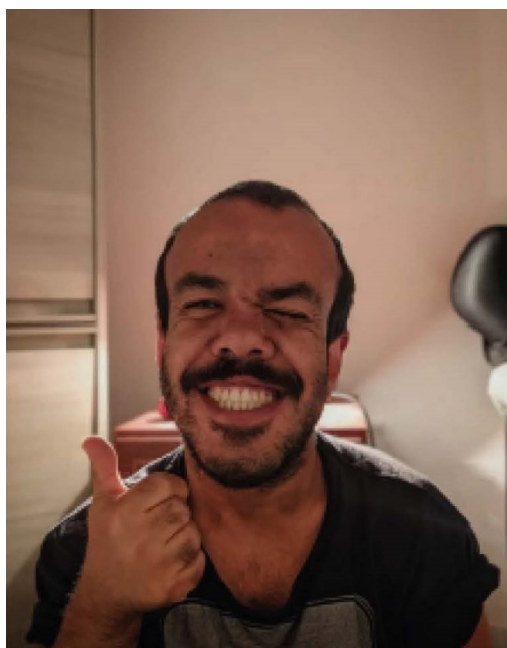
Esse respeito se deve tanto à sua atuação no meio jurídico como na sua luta pelas

peças com nanismo. Pois, atua arduamente no Estado do Rio de Janeiro para criação de leis que beneficiem o grupo, além de participar da criação da lei nacional de respeito às pessoas com nanismo.

Devido sua participação direta tanto em questões jurídicas quanto políticas, o questionamento a ela foi sobre qual sua percepção do contexto atual em que se encontra o Brasil e como isso reflete nas pessoas com nanismo. Kênia é uma ferrenha crítica ao governo Bolsonaro, pois além de entender que as primeiras políticas públicas e reconhecimentos a pessoas com nanismo surgiram em governos anteriores; para ela, o presidente Bolsonaro representa um grande retrocesso ao que diz sobre o respeito às pessoas com nanismo.

Kênia representa a superação sobre o capacitismo e o preconceito dentro dos meios jurídicos. Ela, como especialista do direito, mostra o que é a batalha por direitos dentro das instituições. Com essa personagem, o documentário focará entender como foi a batalha por direitos e busca de representatividade dentro do meio jurídico.

. Gabriel de Figueiredo Ferreira (“Eu sou o papito”)



(foto adquirida do instagram/ @eusouopapito)

Gabriel, negro, 33 anos, é natural de Santos/SP, atualmente mora em Divinópolis/MG, tem como pseudônimo “eusouopapito”, nas redes sociais e é um “humilde *influencer*”, como ele próprio se descreve. Vive a vida com um humor levemente sarcástico. Gabriel é a única pessoa de sua família com nanismo, sem nenhum outro caso de parentesco próximo, fato

bastante comum pois o nanismo é genético e não necessariamente hereditário.

Na internet, com seu pseudônimo “eusouopapito”, usa seu perfil de *instagram* e *tiktok* para criar uma comédia com tons de ironia e naturalidade; que não seja vinculada à sua condição de pessoa com nanismo, mas pela sua forma de encarar a vida. Ele fala “vamos rir juntos, ao invés de rir do outro”. Isso o distingue de muitos humoristas e *influencers* com nanismo que usam muitas vezes de suas condições para despertar visibilidade e humor nos seus conteúdos.

Quando questionado sobre a denominação que se dá a pessoas com nanismo, com a palavra “anão”, entende que é uma palavra pejorativa, com impacto no relacionamento e atitudes dessas pessoas dentro do meio social. Ao mesmo, ele vê que há uma mudança de tratamento ao referir pessoas com nanismo como P.C.D.(portadores de deficiência). Sua inconformidade em relação à questão da denominação “anão” ao se referir a pessoas com nanismo se dá ao fato dessa palavra conotar mais a condição do nanismo do que a pessoa em si. Além do mais, contribui para segregar o indivíduo a um *status* fora do que é considerado “normal” dentro da sociedade.

Para ele, a mídia tem atuação nessa formação de estereótipo a pessoas com nanismo, principalmente no ramo do humor onde pessoas com nanismo são taxadas como bobas ou mesmo inocentes, mas isso se deve a forma “fácil” que essas pessoas encontraram para sobreviver, o que contribui para a imagem negativa do grupo como todo. Pois elas se expõem de uma forma negativa como “bobo da corte” onde os outros riem, criando assim estereótipos e desrespeito para todo um grupo. Isso faz com que o Gabriel busque na *internet* reverter esse papel, onde a graça é pra todos, e ele é inspirado por outras pessoas com nanismo como por exemplo o “Gigante Leo” comediante de *Stand-up*.

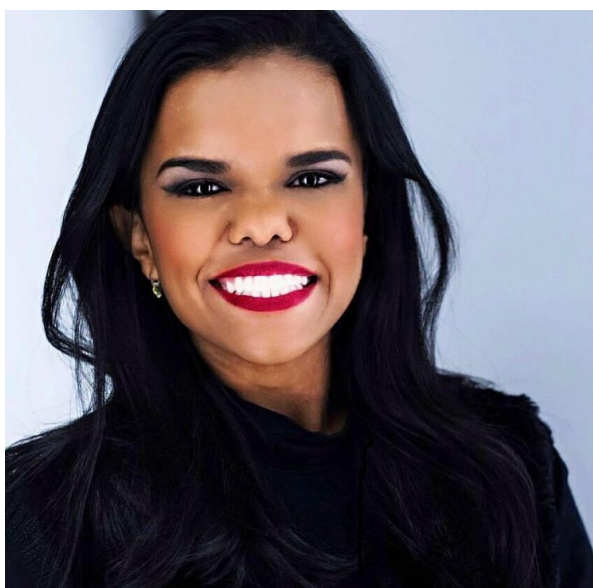
. Somos todos Gigantes



(foto adquirida do site <https://somostodosgigantes.com.br/>)

É uma associação originada a partir de audiência pública no Senado Federal para mobilizar pessoas com nanismo em prol de um Dia Nacional do Combate ao Preconceito Contra Pessoas com Nanismo – O Projeto de Lei nº 657/2015. É uma associação criada pelos pais de Gabriel, jovem que nasceu com acondroplasia. Os pais criaram para ajudar outras famílias a entender a questão do nanismo e ajudar as famílias a lidarem melhor com essa deficiência.

. Paula Lima



(foto adquirida do instagram/ @babadosdapequena)

Paula, negra, 27 anos, nasceu em Registro-SP mas hoje mora em Cajati-SP ativista da causa do Nanismo, formada em Direito, Pós-Graduada em Direito Imobiliário e palestrante. Ela concluiu o curso de Direito em 2020, e apresentou trabalho de conclusão de curso o tema sobre acessibilidade a pessoas com nanismo.

Na família, além dela, o pai tem nanismo, sendo ele a primeira pessoa a ter nanismo na família. Mesmo que o nanismo não seja uma condição hereditária, mas genética - fato que faz com que qualquer pessoa possa ter um descendente com nanismo – porém a pessoa com nanismo tem uma porcentagem maior em ter um filho ou filha com nanismo.

Paula atua na questão de acessibilidade para pessoas com deficiência e nas redes sociais é ativista pela causa de pessoas com nanismo na página do *instagram* @babadosdapequena, onde apresenta questões informativas contra o preconceito e capacitismo, além de denunciar, ela busca dar respostas a falta de acessibilidade.

Paula pensa, em 2024, candidatar-se a vereadora de seu município, tendo como pautas a acessibilidade e projetos para minorias que muitas vezes não são lembradas em políticas públicas. Além de buscar dar mais visibilidade para pessoas com nanismo no meio político.

. Rebeca Costa



(foto adquirida do *instagram*/ @looklittle)

Rebeca, branca, é palestrante e CEO da marca *Looklittle*, marca que prega empoderamento e uma moda adaptada. Rebeca é considerada a maior influenciadora com nanismo envolvida em causas sociais no Brasil. Rebeca é a pessoa que usa das redes sociais e das redes de comunicação para informar, empoderar e dar dicas de adaptabilidade tanto em moda como no estilo de vida, em geral, para pessoas com nanismo.

Rebeca sempre soube que tinha nanismo, isso se dá ao fato que muitas crianças só ficam sabendo pelos pais que tem o nanismo a partir dos oito aos dez anos de idade, quando o corpo das outras crianças começa a esticar e o seu não. No caso de Rebeca, isso nunca foi escondido ou um segredo a ser contado depois, e por isso ela desde cedo reconhece sua condição e não a tratando como um problema, mas simplesmente uma condição do seu corpo.

Criadora da página *Looklittle*, Rebeca criou essa página como uma forma de desmistificar o nanismo de forma positiva, em um ambiente que ela não se identificava com nenhuma representação. Assim, buscou inspiração em outras *influencers* compartilhando ideias e experiências com outras mulheres. Atualmente a página agrega mais 80 mil seguidores, uma página extremamente engajada na causa anticapacitista.

Rebeca é uma personagem que tem muito a explorar, pelo seu engajamento em causas sociais e também de ser uma comunicadora das mídias; com isso entender como as mídias funcionam como ferramentas para causas que possam ajudar pessoas com nanismo a terem uma outra percepção diante a sociedade.

6.7. CRONOGRAMA

O cronograma foi pensado de duas formas para produção do projeto. Primeiro, a proposta de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que consiste do desenvolvimento do processo desse material aqui apresentado. Segundo, na elaboração do documentário, este que vai se estender para além da conclusão do Curso de Audiovisual.

Para a elaboração do TCC, o cronograma foi necessário para delimitar as várias etapas deste trabalho. Inicialmente para formular a pesquisa que seria realizada sobre o entendimento teórico do documentário e da temática do projeto sobre o nanismo. Após isso, a formação do memorial para criar o corpo do projeto da pré-produção, com argumento, proposta, trabalho de personagens e forma de abordagem. No entanto, o cronograma contribuiu para a delimitação das datas de pré-entrevista e da produção do *teaser*, dois fatores de grande relevância para essa pré-produção.

Já o cronograma do projeto é pensado para, após o término do TCC, para ter a pré-produção com seguimento da pesquisa, e esta terá o acréscimo da pesquisa de campo que se dará em viagens prévias até as localidades de cada personagem, para um primeiro contato pessoal entre o diretor e as pessoas que toparam ser os personagens do documentário.

O cronograma inclui a questão de captação de recursos financeiros, um processo que demandará um tempo, pois pretende-se buscar fundos públicos como o Fundo de Apoio a Cultura-DF (FAC), Lei Rouanet, Lei do Audiovisual e o Fundo Setorial do Audiovisual. Além de fundos privados, como é o caso da Spcine.

Já a gravação necessitará de um tempo, em torno de um ano e meio, devido a quantidade de personagens e eles se encontrarem em diferentes cidades e regiões, a maioria vive na Região Sudeste, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, somente a Joana que mora em Natal/RN, Região Nordeste.

Cronograma de TCC

	Julho	1 ^a ½ Ago	2 ^a ½ Ago	1 ^a ½ Set.	2 ^a ½ Set.	1 ^a ½ Out.	2 ^a ½ Out.	1 ^a ½ Nov.
Pesquisa bibliográfica	X	X						
Escrita Teórica/Justificativa		X	X	X	X			
Metologia /Pré-Entrevista			X	X	X	X	X	
Teaser					X	X		
Finalização						X	X	
Defesa								X

Cronograma de Produção

	2 ^a ½ 2021	1 ^a ½ 2022	2 ^a ½ 2022	1 ^a ½ 2023	2 ^a ½ 2023	1 ^a ½ 2024	1 ^a ½ 2024	1 ^a ½ 2024
Pesquisa / TCC	X							
Pré-produção/ Pesquisa de Campo	X	X	X	X	X			
Arrecadação/ busca por verba		X	X	X				
Gravação					X	X	X	
Pós-produção						X	X	
Distribuição						X		X

6.8. EQUIPE

As pessoas confirmadas para formar a equipe desse documentário consiste: no diretor, roteirista e produtor, Daniel Madeira; na assistente de direção e também parte da edição Raphaella Donon; na direção de fotografia Saulo Dal Pozzo; na assistência de fotografia e direção de fotografia do teaser Kaue Pinto; na captação e mixagem de som, Luiz Mateus Corazolla; e na produção executiva Gabriel Ribeiro.

Direção, Roteiro e Produção: Daniel Madeira é graduando em Audiovisual pela Universidade de Brasília (UnB). Tem como a produção como principal área de interesse mas também trabalha com edição e já atuou como assistente de fotografia em projetos. Trabalha na pré-produção documentária “ Ser anão, uma etnografia”. Trabalhou 1 ano e meio no setor de documentação da faculdade de comunicação da UnB, CEDOC, fazendo tanto atividades burocráticas de organização de formação do setor, como vídeos institucionais. Trabalhei como diretor de produção dos filmes, “Invisíveis” (2017, Giovanni Ruggeri), este foi vencedor do festival de taguatinga de 2018 pelo júri popular, também do Curta-metragem “COMPRA PRA MIM”(2018, Illana Lara) e no filme “A MELHOR VERSÃO DE MIM” (2019, Kallyo Aquilles) , e por fim no teaser “O Velho Cão”(2019,Fernando Alves) . Também fiz assistência de produção nos trabalhos “Lusco Ofusco” (2019, Raphaella Donon) e clipe “Última Quimera”(2019, Luiz Mateus Corazolla) . Além de já ter trabalhos de assistência de direção no filme “Quem quer ser um estagiário”(2018, Kallyo Aquiles) , assistência de fotografia nos filmes Sinax (2017, Camila Palmeira) e Desfinados (2018, Rafael Beppu), também produtor do teaser da série animada “BiBiOz” (2021, Kallyo Aquiles). Também atua como fotógrafo, tendo fotos já publicadas na revista “Plural Revista semestral de la Asociación Latinoamericana de Antropología” (ALA). Atualmente trabalha editando vídeos institucionais para o INSS.

Assistência de direção e edição: Raphaela Donon é Técnica em Multimídia pelo Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e graduanda de comunicação social - Audiovisual, Raphaella Donon trabalhou como Assistente de Direção e Edição de diversos produtos audiovisuais. Entre estes, dirigiu e editou o documentário "Resgate da Soberania" feito em parceria com a Embaixada da Venezuela no Brasil e editou e roteirizou o documentário "Minha Pele" de Paulo Yamamoto em parceria com a Frrrkguys. Atualmente trabalha na equipe de vídeo da assessoria de comunicação do Serviço Geológico do Brasil.

Direção de fotografia: Saulo dal Pozzo, é formado na Universidade de Brasília (UnB) em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual, além de já ter feito Curso Produção Audiovisual ministrado por Marcus Ligocki em 2017, Curso de Produção Independente ministrado pela mostra Santander Cultural em 2014, e Curso Cinema de Baixo Orçamento ministrado pela Cinemateca Capitólio. Saulo já produziu e participou de alguns documentários como “Nós por nós”(2018) no qual fez a produção, a fotografia, som e edição, o documentário “Pedalar é suave” (2018) onde fez a produção e edição, “Cê é errado” (2019) fazendo a edição. Atualmente Saulo é diretor de fotografia na produtora Bendita filmes , onde produzem clipes

de rappers. Saulo tem uma perspectiva aprofundada de fotografia e de pós-produção, sabendo muito bem acoplar essas duas funções em seus trabalhos.

Assist. de fotografia e fotografia do “Teaser”: Kauê Endrigo Cortinovi Pinto: comunicador e videomaker. Atuou durante 4 anos como repórter e locutor na rádio RioVox FM 107,9 - Rio das Pedras/SP, 2012-2015. Foi diretor técnico da TV IndSOL Canal 8 - Passos/MG, 2015-2016. Já atuou em diversas agências de marketing digital como produtor de conteúdo. Tem experiência com áudio, vídeo e design. Também é programador e desenvolvedor web. Desde 2019, trabalha na Câmara dos Deputados como Assessor de Comunicação.

Som e Mixagem: Luiz Matheus : Técnico de som, formado no curso de Comunicação Social com habilitação em audiovisual pela Universidade de Brasília. Foi membro da área de som na EJ pupila audiovisual entre 2016 e 2017, na qual esteve na equipe do curta metragem Habilitado para Morrer. Técnico de som direto no curta metragem documentário "Bwayne, o filme", de 2017. Microfonista no longa metragem "Made in Favela" filmado em 2021. Também atua como músico, compositor de trilhas sonoras, em pós produção de áudio e direção de produção.

Produção Executiva : Gabriel Ribeiro é cientista social formado pela Universidade de Brasília e mestrando em sociologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atua como elaborador/analista de projetos culturais com enfoque em leis de incentivo federais e estaduais. Trabalhou 3 anos na Arte em Curso onde elaborou e aprovou diversos projetos na Lei 8313/91, Proac SP, Pro-Cultura RS, LIC-DF, LIC-RJ, Lei do Audiovisual e Lei de Incentivo ao Esporte, além de experiência com editais tal como o FAC-DF. Atualmente trabalha como Analista de Dados na produtora cultural catarinense Incentiv.me.

6.9. TEASER

O *teaser*²⁷ é uma apresentação do documentarista sobre o que vai ser o documentário “O nanismo em nós” e pretende-se que seja de forma descontraída, em formato de uma conversa. A proposta é fazer uma entrevista piloto, onde o diretor responde perguntas feitas a ele, de forma a apresentar o filme e sua importância, e o que espera desse filme ao longo de sua produção.

²⁷ É uma técnica usada em marketing para chamar a atenção para uma campanha publicitária, aumentando o interesse de um determinado público-alvo a respeito de sua mensagem, por intermédio do uso de informação enigmática no início da campanha. No jornalismo é utilizado no início do jornal e tem informações do repórter (em off ou on) para destacar uma informação. (TV) fonte: Manual de comunicação do site do Senado Federal . Link: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario/teaser>

A proposta constitui-se em uma cena em que um entrevistador, Gabriel Ribeiro, formado em Ciências Sociais, muito próximo do Diretor, que conhece bem a trajetória e o significado do que é fazer esse documentário para o entrevistado, que no caso é o Diretor, Daniel Madeira, estudante de audiovisual, criador e idealizador deste projeto, uma pessoa com nanismo.

A referência para se fazer esse *teaser* é o filme de Eduardo Coutinho, *Jogo de Cena* (2007), mas ao invés do Diretor fazer as perguntas, ele será questionado. Diferente da obra de Coutinho, em que havia alternâncias entre o real e o encenado, nessa será somente o diretor representando ele mesmo.

Essa dinâmica consistirá numa explanação da perspectiva do Diretor sobre o que é nanismo; sua percepção de como o documentário funciona, constituindo-se em uma ferramenta que pode possibilitar uma mudança social; principalmente criar uma narrativa para que pessoas com nanismo se sintam representadas. Uma vez que o que será produzido vai falar dessas pessoas, e não do nanismo. O documentário antes de falar de nanismo vai falar de pessoas.

No documentário, buscará não somente explicar, mas também indagar o espectador e levá-lo a compreender que o projeto, além de carregar uma justificativa social de um coletivo, também é uma expressão pessoal do Diretor.

Cenograficamente, a cena vai ser em um estúdio fechado, onde ocorrerá a entrevista. O entrevistador estará “ausente” e somente o entrevistado aparece. Assim, consistirá de dois planos, um plano médio, onde o entrevistado será filmado, sentado; e outro plano fechado, sendo filmado somente o rosto do entrevistado; buscando captar a suas expressões faciais. Ao fundo, uma tela em *chroma key*, exibindo um fundo alternativo atrás como forma de gerar um cenário para a cena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho de conclusão de curso é ponto de partida para o início de um projeto de documentário experimental que se pretende ser original. Um outro ponto é entender o que é o nanismo a partir do ponto de vista de algumas pessoas que são portadoras. Portanto, começar este projeto permite fazer um documentário que aborde as pessoas com nanismo de uma forma que as tornem protagonistas, não de suas vidas pois elas já são, mas da narrativa representativa que fundamenta a proposta de documentário.

Fazer a pesquisa possibilitou criar uma base lógica para o começo de um projeto que demanda ser de longo prazo. E a realização da pré-produção criou um entendimento teórico que futuramente pode se dar em uma pesquisa bem mais aprofundada sobre a questão do nanismo no Brasil, e um estudo sobre sua representação frente à câmera.

A pré-entrevista serviu de grande ferramenta para entender o que é o nanismo na prática. Por meio do projeto pude conhecer pessoas representativas, que possibilitaram confirmar a escolha prévia delas como personagens deste documentário. Pude compreender um pouco melhor como outras pessoas com nanismo levam suas vidas e viabilizam estar sempre em movimento; ao mesmo tempo, possibilitam como poderei contemplar estas histórias diversas, inclusive a minha, em um documentário.

Essa pesquisa me permitiu entender e me encontrar numa identidade que até então era oculta a mim, devido à falta de relações com outras pessoas com nanismo. O que me gerou um sentimento de identificação, pela similaridade que encontrei na vivência dessas pessoas com a minha vida. Porém entender que mesmo tendo essa identificação, percebi que cada pessoa assume uma visão própria sobre o que é o nanismo, e como é conviver com ele.

Assim, pretendo fazer desse documentário como minha contribuição sobre as várias outras ações que são feitas por pessoas com nanismo e sem, de forma a elucidar contra o preconceito. Dessa forma esse trabalho de conclusão de curso serve como a materialização dessa expectativa.

Referências Bibliográficas:

Filmografia:

JOGO DE CENA. Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Videofilmes,2006 (104 min).

DWARFISM and Me. Direção de Tom Silverstone. Produção de Katie Lamborn. Realização de Cara Reedy. New York City: The Guardian, 2019. (15 min.), color.

HISTÓRIA do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil. Direção de Aluízio Salles Jr.. [S.I.]: Fazenda Filmes Ltda., 2010. (61 min.), color.

JANELA DA ALMA. Categorias / Sonoro / Não ficção. Material original 35mm, Dir. Jardim, João. Tambellini Filmes. COR, 64min, 1.770m, 24q, 1:1'66. Data e local de produção. Ano: 2001. País: BR

Bibliografia:

Documentário e Roteiro de Cinema; da pré-produção à pós-produção/ Sérgio José Puccini Soares. – Campinas, SP: [s.n.],2007.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** Ed. Papirus. 2005.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?.** São Paulo: Senac/SP, 2008

GUIMARÃES,Rodrigo Gomes. **A voz do Outro na voz do documentário.** 199f. Tese (Doutorado em Meios Processos Audiovisuais) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MATTOS, Carlos Alberto. **Cinema de fato: anotações sobre documentário.** Rio de Janeiro: Jaguatirica,2006

PÉREZ & STOLF. Teko **Haxy: autoetnografia e o documentário dispositivo na terra imperfeita** . Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 15 n. 3 Dezembro. 2020.

Lima, M. P. (2019). **Compreensão psicossocial da vida de trabalho para pessoas com nanismo: entre a estigmatização e o reconhecimento (Tese de Doutorado)**. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Nanismo. Biblioteca Virtual em Saúde. Ministério da Saúde. disponível no site: <https://bvsms.saude.gov.br/nanismo/>

Alves, Flavia (2018). **Acondroplasia e Suas Implicações em uma Série de Casos Pediátricos (Dissertação de Mestrado)**. Ciências da Saúde, Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro

Garcia, V. G. (2010). Pessoas com deficiência e o mercado de trabalho: histórico e o contexto contemporâneo (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Recuperado de http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/286387/1/Garcia_ViniciusGaspar_D.pdf

Le Breton, D. (2007). **A sociologia do corpo**. (2a. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Honneth, A. (2007). **Reconhecimento ou redistribuição? A mudança de perspectivas na ordem moral da sociedade**. In J. Souza & P. Mattos (Orgs.), Teoria crítica no século XXI. São Paulo, SP: Annablume.

Documentário e Roteiro de Cinema; da pré-produção à pós-produção/ Sérgio José Puccini Soares. – Campinas, SP: [s.n.], 2007

Guia de elaboração de projetos audiovisuais : leis de incentivo e fundos de financiamento / Guilherme Fiuza Zenha, Júlia Nogueira. -- 2. ed.-- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019.

ROSENTHAL, Alan. **Writing, directing, and producing documentary films and videos** -3rd.ed. . Carbondale: Southern Illinois University Press, 1996.

LINKS DE ACESSO AO TEASER E AS PRÉ- ENTREVISTAS:

Teaser:

<https://drive.google.com/file/d/1faXR8IP66976rUV2wSP2LJFsnYgOBtXm/view?usp=sharing>

Pré-entrevistas:

https://drive.google.com/file/d/1Vc1li3QHxe_hbYXBXeLzF4t4jvNYyEG-/view?usp=sharing